



EMIL CIORAN

**NOS CUMES
DO DESESPERO**

**NOS CUMES
DO DESESPERO**

Emil Cioran

Nota - retirado do site do tradutor

<http://metamorphoiesis.blogspot.com/2011/02/traducao-nos-cumes-do-desespero.html>

Título Original: PE CULMILE DISPERARII (em romeno)
ON THE HEIGHTS OF DESPAIR (em inglês)

A ideia de traduzir este pequeno livro de ensaios do escritor romeno Cioran surgiu há um mês. Tendo acabado de lê-lo, ainda atordoado pelo vigor das suas palavras, resolvi pesquisar a obra do sujeito. Para minha grande surpresa, descobri que traduções para o português eram raríssimas e que o autor era bastante desconhecido por aqui. **Nos cumes do desespero**, por exemplo, que li em francês, ainda não ~~tem~~ (atualmente já tem) uma tradução para o português.

Daí até a ideia de traduzi-lo, mesmo que indiretamente, uma vez que o original tenha sido escrito em romeno, foi um processo natural.

(Guimarães Silva)

Prefácio

Escrevi este livro em 1933, à idade de 22 anos, em um cidade que muito amava, Sibiu, na Transilvânia. Havia terminado meus estudos e, para enganar meus pais, mas sobretudo para enganar a mim mesmo, fingi trabalhar numa tese. Devo confessar que o jargão filosófico agradava minha vaidade e me fazia desprezar quem quer que se comunicasse de outra forma. A tudo isto uma reviravolta interior veio colocar fim, arruinando imediatamente todos os meus projetos.

O fenômeno capital, o desastre por excelência é a véspera ininterrupta, este nada sem fim. Durante horas e horas eu passeava à noite nas ruas vazias ou, às vezes, naquelas que eram assombradas pelas solitárias profissionais, companheiras ideais nestes instantes de suprema angústia. A insônia é uma lucidez vertiginosa que pode converter o paraíso numa câmara de tortura. Tudo é preferível a este velar permanente, a este erro criminoso do esquecimento. É durante estas noites infernais que compreendi a insipidez da filosofia. As horas insones são, no fundo, uma interminável recusa do pensamento pelo pensamento - é a própria consciência exasperada, uma declaração de guerra, um *ultimato* infernal do espírito a ele mesmo. O processo impede-nos de evitar ou esquecer estas perguntas sem resposta, enquanto na cama remoemos o insolúvel até a vertigem.

Voilà em que estado de espírito eu concebi este livro, que foi para mim uma espécie de liberação, de explosão salutar. Se eu não o houvesse escrito, eu teria certamente colocado um termo às minhas noites...

Ser lírico

Por que não podemos morar isolados em nós mesmos? Por que nós perseguimos a expressão e a forma, procurando esvaziar-nos de todo o conteúdo, por meio de um processo caótico e rebelde? Não seria mais fecundo abandonar-nos à essa fluidez interior, sem preocupação objetiva, limitando-nos a gozar de todas as nossas efervescências e agitações íntimas? Vivências múltiplas e diferenciadas fundiriam-se assim para engendrar uma das mais fecundas efervescências, semelhante a um movimento de marés ou a um paroxismo musical. Estar cheio de si, não no sentido do orgulho, mas da riqueza; sentir-se feito de um infinito interior, numa tensão extrema - isto significa viver intensamente, intensamente a ponto de sentir-se morrer de viver. Tão raro é este sentimento, e tão estranho, que nós deveríamos vivê-lo aos gritos. Preciso morrer de viver e me pergunto se existe algum sentido em buscar explicações. Assim que o passado da alma palpita em nós numa tensão infinita, ou que num dado momento retornam todas as experiências vividas e um ritmo perde seu equilíbrio e seu padrão, a morte nos prende aos cumes da vida, fazendo-nos provar, perante um tal terror, a mais dolorosa obsessão. Sentimento análogo àquele dos amantes que, no cume da alegria, vêem surgir em frente a eles, fugitiva embora intensamente, a imagem da morte. Ou como, quando nos momentos de incerteza, emerge, em meio a um amor ainda nascente, a premonição do fim ou do abandono.

Raros demais são aqueles que podem submeter-se até o fim, em tais experiências. É sempre perigoso reter uma energia explosiva, porque pode chegar o momento em que não teremos mais forças para dominá-la. A fusão acontecerá, portanto, à partir de um excesso. Existem estados e obsessões com os quais não saberíamos viver. A salvação não consiste em confessá-los logo? Guardadas na consciência, a experiência terrível e a obsessão

aterradora da morte conduzem à ruína. Falando da morte nós salvamos qualquer coisa de nós mesmos, e, apesar disso, no âmago de nosso ser, apagamos algo. O lirismo representa uma expansão dispersiva da subjetividade, porque ele indica, no indivíduo, uma efervescência incoercível que visa incessantemente expressar-se. Esta necessidade de exteriorização é tanto mais urgente quanto mais é o lirismo interior, profundo e concentrado. Por que o homem se torna lírico em meio ao sofrimento ou ao amor? Porque estes dois estados, ainda que diferentes por sua natureza e orientação, surgem - de alguma forma - do âmago do ser, do próprio centro da subjetividade. Nós nos tornamos líricos assim que a vida interior palpita com seu ritmo essencial. O que nós temos de único e de específico é alcançado de uma forma tão expressiva que o indivíduo eleva-se ao plano universal. Somente as mais profundas experiências subjetivas são universais, na medida em que apenas elas são capazes de unir-se ao fundo da vida. A verdadeira interiorização leva a uma universalidade inacessível àqueles que não alcançam a essência e para quem o lirismo não passa de um fenômeno inferior, produto de uma inconsistência espiritual, quando os recursos líricos da subjetividade testemunham, na realidade, uma frescura e uma profundidade das mais remarcáveis.

Algumas pessoas só se tornam líricas nos momentos decisivos de sua existência; para outras, é somente no instante da última agonia, quando o passado faz-se presente com todo o vigor de uma torrente. Mas, na maioria dos casos, a explosão lírica surge após experiências essenciais, quando a agitação do fundo íntimo do ser atinge o paroxismo. Assim, uma vez cativo do amor, o espírito habitualmente inclinado à objetividade e à impessoalidade, tão estrangeiro de si mesmo quanto das realidades profundas, prova um sentimento que mobiliza todos os seus recursos pessoais. O fato de que, salvo raras exceções, todos os homens "façam poesia" quando estão apaixonados demonstra bem que o pensamento conceitual não é o suficiente para exprimir o infinito interior; só uma matéria fluida e irracional é capaz de oferecer ao lirismo uma objetivação apropriada. Ignorante tanto de tudo o que se esconde em si mesmo, quanto de tudo o que o mundo em si esconde, nós somos subitamente surpreendidos pela experiência do sofrimento e transportados a uma região infinitamente complicada, de uma vertiginosa subjetividade. O lirismo do sofrimento alcança uma purificação interior em que as feridas não são mais meras manifestações externas sem implicações profundas, mas participam da própria substância do ser. É um hino do sangue, da carne e dos nervos.

Assim, quase todas as doenças têm virtudes líricas. Somente aqueles que se mantêm numa insensibilidade escandalosa permanecem impessoais face à doença, fonte eterna de uma sondagem interior.

Nós só nos tornamos verdadeiramente líricos após um profundo problema orgânico. O lirismo accidental é proveniente de determinantes exteriores e desaparece com eles. Não há lirismo sem um grão de loucura interior. Fato significativo, as psicoses caracterizam-se, em seu início, por uma fase lírica em que as barreiras e os obstáculos fundem-se para dar lugar a uma profunda embriaguez dos sentidos. Assim explica-se a produtividade poética das psicoses ainda insípidas. A loucura: um paroxismo do lirismo? Limitemo-nos, então, a escrever seu elogio, afim de evitarmos ter que escrever o da loucura. O estado lírico está além das formas e dos sistemas: uma fluidez e um derramar-se interiores misturam-se numa só expansão, como todos os elementos da vida do espírito numa convergência ideal, para criar um ritmo intenso e perfeito. Comparado ao refinamento de uma cultura paralítica que, prisioneira das molduras e das formas, tudo disfarça, o lirismo é uma expressão bárbara: seu verdadeiro valor consiste, precisamente, em ser somente sangue, sinceridade e chamas.

Como tudo é longe!

Eu ignoro totalmente por que devemos fazer qualquer coisa aqui embaixo; por que devemos ter amigos e aspirações, esperanças e sonhos. Não seria mil vezes preferível retirar-se à distância do mundo, longe de tudo o que provoca seu tumulto e suas complicações? Nós renunciaríamos assim à cultura e às ambições, nós perderíamos tudo sem obter nada em troca. Mas que podemos obter neste mundo? Para algumas pessoas, nenhum ganho importa, porque eles são irremediavelmente infelizes e solitários. Mesmo abertos a tudo receber dos outros, ou a tudo ler nas profundezas de suas almas, em que medida seríamos capazes de esclarecer seus destinos? Solitários na vida, nós perguntamo-nos se a solidão da agonia não é o próprio símbolo da existência humana. Lamentável fraqueza a de querer viver e morrer em sociedade: existe alguma consolação possível na última hora? É preferível morrer só e abandonado, sem afetação e mentiras. Eu provo apenas desgosto por aqueles que, na agonia, dominam-se e impõem-se atitudes para provocar uma impressão. As lágrimas somente são quentes na solidão. Todos aqueles que querem cercar-se de amigos na hora da morte, o fazem por medo e incapacidade de afrontar o seu momento supremo. Eles procuram, no momento essencial, esquecer sua própria morte. O quanto não se armam de heroísmo, trancando a porta, para se submeter a estas sensações temíveis com lucidez e terror sem limites?

Isolados, separados, tudo nos é inacessível. A mais profunda das mortes, a verdadeira morte, é a morte solitária, quando a própria luz torna-se um princípio de morte. São tais momentos o que nos separam da vida, do amor, dos sorrisos, dos amigos - e mesmo da morte. Perguntamo-nos então, se existe outra coisa além do nada do mundo e do nosso próprio nada.

Não poder mais viver

Existem experiências às quais não podemos sobreviver. Experiências que nos fazem enxergar que nada mais tem sentido. Após terem atingido os limites da vida, terem vivido com exasperação todo o potencial destes perigosos confins, os atos e gestos cotidianos perdem todo o charme, toda a sedução. Se continuamos a viver apesar disso, assim acontece devido às Escrituras, que aliviam esta tensão sem limites. A criação preserva-se apenas temporariamente das garras da morte.

Sinto-me a ponto de explodir com tudo o que me oferecem a vida e a perspectiva da morte. Sinto-me morrer de solidão, de amor, de ódio e de todas as coisas deste mundo. Tudo isto parece fazer de mim um balão prestes a estourar. Nestes momentos extremos, realizo uma conversão ao Nada. Dilato-me interiormente até a loucura, para além de todas as fronteiras, à margem da luz, quando esta já foi extirpada da noite, em direção ao excesso em que um turbilhão selvagem projeta-me direto ao nada. A vida cria uma plenitude e o nada, exuberância e depressão; o que somos diante da vertigem que nos consome até o absurdo? Eu sinto a vida estalar em mim sob o excesso tanto da intensidade, quanto do desequilíbrio - uma explosão indomável capaz de fazer saltar irremediavelmente o indivíduo. Nas extremidades da vida, sentimos que esta nos escapa; que a subjetividade é mera ilusão; e que em nós mesmos fervem forças incontroláveis, arruinando todo o ritmo definido. O que, então, não nos concede uma razão para morrer? Morremos tanto de tudo o que é, quanto de tudo o que não é. Toda a experiência torna-se, imediatamente, um salto no nada. Mesmo sem tê-la conhecido inteira, uma mera prova é o suficiente. Assim que começamos a morrer de solidão, de desespero ou de amor, as outras emoções somente prolongam este sombrio cortejo. A sensação de não poder mais viver após tais vertigens resulta igualmente de uma

consumação interior. As chamas da vida ardem num forno de onde o calor não escapa. Estes que vivem sem preocupação com o essencial são salvos desde o início; mas o que eles têm a salvar, eles que não conhecem o menor dos perigos? O paroxismo das sensações, o excesso da interioridade portamos a uma direção eminentemente perigosa, já que uma existência que toma consciência demais das suas raízes pode apenas negar-se a si mesma. A vida é limitada demais, fragmentada demais, para resistir às grandes tensões. Todos os místicos não tiveram, após suas epifanias, o sentimento de não poder mais viver? O que podem, então, esperar deste mundo aqueles que sentem além da normalidade, da vida, da solidão, do desespero e da morte?

A paixão do absurdo

Nada saberia justificar o fato de viver. Podemos de fato, tendo partido ao limite de nós mesmos, invocar argumentos, causas, efeitos ou considerações morais? Certamente não: resta-nos para viver, portanto, apenas razões despidas de fundamento. No apogeu do desespero, somente a paixão do absurdo impede ainda a explosão de um caos demoníaco. Quando todos os ideais correntes, sejam eles de ordem moral, estética, religiosa, social ou outra, não chegam a imprimir à vida uma direção e finalidade, como preservá-la ainda do nada? Nisso, nós apenas podemos chegar agarrando-se ao absurdo e à inutilidade absoluta, a este nada profundamente insípido, mas cuja ficção é a mesma de criar a ilusão da vida.

Eu rio porque as montanhas não sabem rir, nem os vermes da terra cantar. A paixão do absurdo nasce somente no indivíduo em que tudo foi purgado, a este que é mais suscetível de submeter-se a temíveis transfigurações futuras. A quem tudo perdeu só resta esta paixão. Que charmes poderiam, à partir de então, seduzi-lo? Certas pessoas não deixarão de responder: o sacrifício em nome da humanidade ou do bem público, o culto do belo, etc. Eu amo apenas estes homens que chegaram a provar, ainda que provisoriamente, tudo isto. Eles são os únicos a ter vivido de maneira absoluta, os únicos habilitados a falar da vida. Se podemos reencontrar amor e serenidade, é através do heroísmo, não da inconsciência. Toda a existência que não contém uma grande loucura permanece despida de valor. Em que ponto uma tal existência se distinguiria da de uma pedra, de um pedaço de madeira ou de uma erva-daninha? Eu afirmo-o com toda a honestidade, devemos ser portadores de uma grande loucura para que *queiramos* nos tornar em pedra, pedaço de madeira ou erva-daninha.

Medida do sofrimento

Existem pessoas que são condenadas a saborear somente o veneno das coisas, para quem toda a surpresa é dolorosa e toda a experiência uma nova tortura. Este sofrimento, *será dito*, tem razões subjetivas e procede de uma constituição particular: mas existe algum critério objetivo para medir o sofrimento? Quem então poderia certificar que meu vizinho sofre mais do que eu mesmo, ou que Cristo tenha sofrido mais do que quem quer que seja. O sofrimento não é apreciável objetivamente, porque ele não se limita ao exterior ou a um problema preciso do organismo, antes, ele surge de acordo com a forma pela qual a consciência o reflete e o sente. Deste ponto de vista, toda a hierarquização torna-se impossível. Cada um conservará seu próprio sofrimento, crendo-lhe absoluto e sem limites. Mesmo se evocássemos as mais terríveis agonias deste mundo, os suplícios mais elaborados, as mortes mais atrozés e os mais dolorosos abandonos, todos os empesteados, os queimados vivos e as vítimas da lentidão da fome, seria a nossa própria dor aliviada? Ninguém saberia encontrar consolação, no momento de agonia, por meio do simples pensamento de que todos os homens são mortais e sofrem, uma vez que, nós mesmos sofrendo, o sofrimento presente ou passado dos outros em nada nos importaria. Neste mundo organicamente deficiente e fragmentário, o indivíduo tende a elevar sua própria consciência à linha do absoluto: assim, cada um vive como se fosse o centro do universo ou da história. Esforçar-se para entender o sofrimento do outro não diminui, portanto, a intensidade do nosso próprio. Em tais casos, as comparações não têm qualquer sentido, pois o sofrimento é um estado que se manifesta na solidão interior e que nada de exterior pode aliviar. Poder sofrer sozinho é uma grande vantagem. O que aconteceria se o semblante humano exprimisse fielmente todo o sofrimento interior, se todo o suplício interior tivesse expressão? Poderíamos ainda conversar? Poderíamos ainda trocar palavras sem escondermos o rosto entre as mãos?

A vida seria decididamente impossível se a intensidade de nossos sentimentos pudesse ser lida nos traços de nosso semblante.

Nenhuma pessoa ousaria mais, então, mirar-se no espelho, porque uma imagem a um só tempo grotesca e trágica misturaria manchas de sangue aos contornos da fisionomia; feridas sempre abertas e rios de lágrimas incontíveis. Eu provaria uma volúpia cheia de terror em observar, no seio da confortável e superficial harmonia de todos os dias, a explosão de um vulcão que lançasse chamas ardentes como o desespero. Observar a menor ferida de nosso ser abrir-se irremediavelmente para nos transformar inteiramente em perpétua erupção. Somente então teríamos consciência das vantagens da solidão, que torna o sofrimento mudo e inacessível. Neste despertar do vulcão de nosso ser, o veneno acumulado em nós não seria o bastante para envenenar o mundo inteiro?

A irrupção do espírito

A verdadeira solidão isola-nos completamente entre céu e terra, pois neste espaço se revela todo o drama da finitude. As caminhadas solitárias - a um só tempo extremamente fecundas e perigosas para a vida interior - devem ser feitas sem que nada venha atrapalhar o isolamento do homem neste mundo, à noite, na hora em que nenhuma das distrações habituais possa mais suscitar interesse, em que nossa visão do mundo emane da região mais profunda do espírito, da zona de separação da vida. Quanta solidão nos é necessária para atingirmos o espírito? Quanta morte em vida nos é necessária e quanto fogo interior! A solidão nega a vida a tal ponto que o florescimento do espírito, nascido de sofrimentos interiores, torna-se quase insuportável. Não é significativo o fato de que os homens que se insurgem contra este florescimento espiritual sejam precisamente aqueles que mais o tenham, aqueles que mais conheçam a gravidade da doença que lhes afetou a vida para engendrar o espírito? Somente os saudáveis fazem a apologia do espírito, estes que jamais provaram os tormentos da vida ou as antinomias sobre as quais se funda a existência. Aquelles que realmente sentem o peso de seu espírito, ou o apresentam como uma calamidade, ou, no máximo, o toleram orgulhosamente. Ninguém que o tenha alcançado extasiou-se ao fundo de si mesmo com esta aquisição catastrófica para a vida. Como seríamos, com efeito, seduzidos por esta vida despida de atrativos, de inocência e de espontaneidade? A presença do espírito indica sempre uma falta de vida, muita solidão e um sofrimento prolongado. E quem falava da salvação pelo espírito? É falsa a afirmação de que o viver imanente seja um viver ansioso do qual o homem seria libertado por meio do espírito. Muito mais exato, ao contrário, seria dizer que o espírito nos traz ansiedade e desequilíbrio, bem como também uma certa grandiosidade. É uma marca de inconsciência fazer a apologia do espírito, bem como é uma de desequilíbrio fazê-la da vida. Para o homem normal, a vida é uma

evidência; somente o doente aí se estende, glorificando-a para evitar de se perder. Mas o que será daquele que já não pode mais glorificar nem a vida nem o espírito?

Eu e o mundo

O fato de que eu existo prova que o mundo não tem sentido. Que sentido eu poderia encontrar, com efeito, nos suplícios de um homem infinitamente atormentado e infeliz, para quem tudo se reduz em última instância ao nada e o sofrimento faz a lei deste mundo? O fato de que o mundo tenha permitido a existência de um humano tal como eu mostra que as manchas sobre o sol da vida são tão vastas que elas acabarão por esconder a luz. A bestialidade da vida pisoteou-me e esmagou - ela cortou-me as asas em pleno voo e recusou-me quaisquer alegrias às quais eu pudesse ter pretendido. Meu zelo desmesurado, a energia louca que eu gastei para brilhar aqui embaixo, a dominação demoníaca a qual me submeti para vestir uma auréola futura e todas as minhas forças desperdiçadas em vista de um revestimento vital ou de uma aurora interior - tudo isto revelou-se mais fraco que a irracionalidade deste mundo, que versou em mim todas as suas fontes de negatividade envenenada. A vida não resiste à alta temperatura. Assim sendo, entendi que os homens mais atormentados, cuja dinâmica interior atinge o paroxismo, e que não podem acomodar-se à tepidez habitual, são destinados a fundir-se. Encontramos, na angústia dos que habitam regiões insólitas, o aspecto demoníaco da vida, mas também sua insignificância, o que explica que ela seja privilégio dos medíocres. Somente estes últimos vivem a uma temperatura normal; os outros, um fogo devorante os consome. Eu nada posso trazer ao mundo, porque minha caminhada é única: a da agonia. Vocês se queixam de que os homens sejam malvados, vingativos, ingratos ou hipócritas? Eu proponho-lhes, quanto a mim, o método da agonia, que lhes permitirá de escapar temporariamente a todas estas falhas. Apliquem-na a cada geração - os efeitos manifestar-se-ão em pouco tempo. Assim sendo, renderei-me, talvez, também útil à humanidade.

Através do chicote, do fogo ou do veneno, façam então com que cada agonizante prove a experiência dos últimos momentos, a fim de que ele conheça, num atroz suplício, a grande purificação que é a visão da morte. Deixem-no, então, partir, correr aterrorizado até que ele caia de fraqueza. O resultado será, não o duvidem, mais brilhante do que aquele que obteríamos pelas vias habituais. Pudesse eu levar o mundo inteiro a agonia para purgar a vida em suas próprias raízes! Eu aí colocaria chamas tenazes, não para destruí-la, mas para comunicá-la uma seiva e um calor diferentes. O fogo que eu colocaria no mundo em nada traria sua ruína, mas sim uma transfiguração cósmica, essencial. Também a vida acostumar-se-ia a uma alta temperatura e cessaria de ser um ninho de mediocridade. Quem sabe a própria morte não cessaria, no seio deste sonho, de ser imanente à vida?

(Escrito neste dia de 8 de abril de 1933, meu vigésimo segundo aniversário. Experimento uma estranha sensação ao pensar que sou, à minha idade, um especialista do problema da morte.)

Esgotamento e agonia

Conheceis esta atroz sensação de fundir-vos, de perder todo o vigor para escorrer como um rio, de sentir vosso ser anular-se numa estranha liquefação e como que esvaziado de toda a substância? Eu faço alusão aqui a uma sensação que não é vaga e indeterminada, mas precisa e dolorosa. Nada mais sentir além da cabeça, cortada do corpo e isolada de maneira alucinante! Longe do esgotamento vago e voluptuoso que se sente enquanto contemplando o mar ou deixando-se tomar por divagações melancólicas, aqui se trata de um esgotamento que vos consome e vos destrói. Nenhum esforço, nenhuma esperança, nenhuma ilusão poderá seduzir-vos depois dela. Permanecer estupefato por sua própria catástrofe, incapaz de pensar ou de agir, esmagado pelas trevas glaciais, desorientado como se sob a dominação de alguma alucinação noturna ou abandonado como nos momentos de remorso, é atingir o limite negativo da vida, a temperatura extrema que desmascara a última das ilusões. Nesta sensação de esgotamento revelar-se-á o verdadeiro sentido da agonia: longe de ser um combate quimérico, ela dá a imagem da vida se debatendo nas garras da morte, sem quaisquer chances de vencê-la. A agonia como combate? Um combate contra quem e por que? Seria falso interpretar a agonia como um movimento provocado pela sua própria inutilidade, ou como um tormento que portasse sua finalidade em si mesmo. Fundamentalmente, agonizar significa submeter-se ao suplício, equilibrando-se na fronteira entre a vida e a morte. Esta sendo imanente a aquela, a vida torna-se, em sua quase totalidade, uma agonia. Quanto a mim, eu qualifico os instantes de agonia apenas como as fases mais dramáticas desta luta entre a vida e a morte - onde vivemos esta última de um modo consciente e doloroso. A verdadeira agonia une-nos ao Nada por meio da morte; a sensação de esgotamento consome-nos, então, imediatamente e a morte leva a vitória. Encontra-se em

toda verdadeira agonia este triunfo da morte, mesmo que, uma vez passados os instantes de esgotamento, continue-se a viver.

Onde está, em meio a este suplício, o combate quimérico? A agonia não tem, em qualquer estado de causa, um caráter definitivo? Não se parece ela a uma doença incurável que nos atormenta intermitentemente? Os instantes de agonia indicam uma progressão da morte às custas da vida, um drama da consciência originário da ruptura do equilíbrio entre vida e morte. Eles sobrevêm apenas em plena sensação de esgotamento, quando a vida atingiu seu nível mais baixo. A frequência destes instantes é um índice de decomposição e de destruição. A morte é a única obsessão que não pode se tornar voluptuosa; mesmo quando desejada, este desejo se faz acompanhar de um arrependimento implícito. Eu quero morrer, mas arrependo-me de desejá-lo: *voilà* o que sentem todos aqueles que se abandonam ao Nada. *O sentimento mais perverso de todos é o da morte.* E dizer que existem pessoas cuja obsessão perversa da morte impede de dormir! Como eu amaria perder toda a consciência de mim mesmo e deste mundo!

O grotesco e o desespero

De todas as formas do grotesco, a mais estranha, a mais complicada, me parece ser aquela que mergulha suas raízes no desespero. As outras não visam nada além de um paroxismo de segunda mão. Ou existe um paroxismo mais profundo, mais orgânico, do que aquele do desespero? O grotesco aparece quando uma carência vital engendra grandes tormentos. Pois não se vê uma tendência desenfreada à negatividade na mutilação bestial e paradoxal que deforma os traços do semblante para lhes imprimir uma estranha expressividade, neste olhar habitado por sombras e luzes distantes? Intenso e irremediável, o desespero só se objetiva na expressão do grotesco. Este representa, com efeito, a negação absoluta da serenidade - este estado de pureza, de transparência e de lucidez, nas antípodas do desespero -, este que engendra apenas Nada e caos.

Provastes da monstruosa satisfação de observar-vos no gelo depois de inumeráveis noites em claro? Submeteste-vos à tortura de insônias em que cada instante da noite é sentido, em que se está só no mundo e se sente viver o drama essencial da história?; estes instantes onde nada mais tem o menor significado e tudo cessa de existir, pois sentis elevar-se em vós chamas temíveis e vossa própria existência aparece-vos como única num mundo nascido para vos atormentar - já provastes destes inumeráveis instantes, infinitos como o sofrimento, em que o espelho envia-vos a imagem mesma do grotesco? Reflete-se aí uma última tensão, à qual se associa uma palidez ao charme demoníaco - a palidez daquele que acaba de atravessar o abismo das trevas. Esta imagem grotesca não surge, com efeito, como expressão de um desespero à semelhança do abismo? Ela não invoca a vertigem abissal das grandes profundezas, o chamado de um bendito infinito pronto a engolir-nos e ao qual nós nos submetemos como a uma fatalidade? Como seria doce poder morrer lançando-se num vazio absoluto!

A complexidade do grotesco reside em sua capacidade de exprimir um infinito anterior, bem como um paroxismo extremo. Como este poderia, então, objetivá-lo em contornos claros e definidos? O grotesco nega toda ideia de harmonia ou de perfeição estilística.

O grotesco esconde a mais frequente das tragédias que não se exprimem diretamente - aí está uma evidência do motivo de formas múltiplas do drama íntimo serem suscitadas. Quem quer que tenha visto em seu semblante uma hipóstase grotesca não poderá nunca mais mirar-se no espelho, pois ele terá sempre medo de si mesmo. Ao desespero sucede-se uma inquietude plena de tormentos. Que faz, então, o grotesco, senão atualizar e intensificar o medo e a inquietude?

O pressentimento da loucura

Os homens jamais compreenderão o porquê de alguns dentre eles serem destinados à loucura; o porquê desta fatalidade inexorável, que é a entrada no caos, onde a lucidez não pode durar mais do que um relâmpago. As páginas mais inspiradas, aquelas que liberam um lirismo absoluto, onde somos entregues a uma exaltação, a uma embriaguez total do ser, somente podem ser escritas sob uma tensão da qual qualquer retorno ao equilíbrio é ilusório. Deste estado, nós não podemos sair isentos: a força íntima do ser é destruída, as barreiras interiores desfazem-se. O pressentimento da loucura só sobrevêm a experiências capitais. Nós acreditaríamos ter atingido alturas vertiginosas, quando tropeçamos e perdemos o equilíbrio e a percepção normal de tudo quanto é concreto e imediato. Um grande peso parece esmagar o cérebro como que para reduzi-lo a uma simples ilusão, e isto é, no entanto, uma das raras sensações que nos revelam, justamente, a temível realidade orgânica em que nossas experiências se inspiram. Sob esta pressão, que tenta ou nos esmagar contra a terra ou nos fazer saltar, surge o medo, cujos componentes são difíceis de definir. Não se trata aqui do medo da morte, que toma o homem para dominá-lo até a asfixia; não é um medo que se insinuaria no ritmo de nosso ser para paralisar-nos o processo da vida - é um medo atravessado de lampejos pouco frequentes, mas intensos, como um ataque súbito que elimina para sempre qualquer possibilidade de equilíbrio futuro. É impossível discernir este estranho pressentimento da loucura. O seu lado terrível vem de que nós percebemos uma dissipação total, uma perda irremediável para nossa vida. Ainda que continuando a respirar e a nutrir-nos, perdemos tudo o que há de mais importante e que, no entanto, nunca pudemos contar entre nossas funções biológicas. Daí esta não ser mais do que uma morte aproximativa. A loucura faz-nos perder toda especificidade, tudo o que nos individualiza no universo, nossa própria perspectiva, o domínio particular do nosso espírito. A morte também nos

faz tudo perder - perda que é seguida por um mergulho no nada. Assim, ainda que persistente e essencial, o medo da morte é menos estranho que o medo da loucura, onde nossa semi-presença é um fato de inquietude bem mais complexo que o terror orgânico da ausência total provada diante do nada. A loucura não seria, então, um meio de escapar aos mistérios da vida? Esta questão só se justifica sobre um plano teórico, pois, na prática, aquele que sofre de certas ansiedades considera o problema sob uma luz - ou antes, sob uma sombra - diferente. O pressentimento da loucura dobra à partir do medo da lucidez durante a loucura; o medo dos momentos de retorno a si mesmo, quando a intuição do desastre arrisca engendrar uma loucura ainda maior. É por este motivo que não há salvação por meio da loucura. Adoraríamos o caos, mas temos medo das suas luzes.

Toda forma de loucura é tributária da condição e do temperamento orgânicos. Como a maioria dos loucos surge dentre os depressivos, a forma depressiva é fatalmente mais propagada do que a exaltação feliz e transbordante. A negra melancolia é tão frequente entre eles que têm, quase todos, tendências suicidas. O suicídio - que solução difícil quando não estamos loucos!

Eu adoraria perder a razão sob uma só condição: ter certeza de me tornar um louco feliz e brincalhão, sem problemas nem obsessões, hilário de manhã até de noite. Ainda que eu deseje ardentemente os êxtases luminosos, eu não posso querê-los, pois são sempre seguidos de depressões. Eu gostaria, no entanto, que um banho de luz florescesse de mim para transfigurar o universo - um banho que, longe da tensão do êxtase, manteria a calma de uma eternidade luminosa. Ele teria a leveza da graça e o calor de um sorriso. Eu gostaria que o mundo inteiro flutuasse neste sonho de claridade, neste encantamento de transparência e de imaterialidade. Que ele não tivesse mais obstáculo ou matéria, forma ou confins. E que, neste paraíso, eu morresse de luz.

Sobre a morte

Certos problemas, uma vez aprofundados, isolam-nos na vida, esvaziam-nos de todo: então não temos mais nada a perder ou a ganhar. A aventura espiritual ou a projeção indefinida em direção às formas múltiplas da vida, a tentação de uma realidade inacessível não são mais do que simples manifestações de uma sensibilidade exuberante, privada da seriedade que caracteriza quem aborda questões vertiginosas. Não se trata aqui da gravidade superficial daqueles de quem se diz "sérios", mas de uma tensão cuja loucura exacerbada eleva-nos, a todo o momento, ao plano da eternidade. Viver na história perde então toda a significação, pois o instante é experimentado tão intensamente que o tempo desaparece perante a eternidade. Alguns problemas puramente formais, não importa o quão difíceis eles sejam, não exigem de nenhuma forma uma seriedade infinita, pois, longe de surgir das profundezas do nosso ser, eles são unicamente os produtos da incerteza da inteligência. Somente o pensador orgânico é capaz deste tipo de seriedade, na medida em que para ele as verdades vêm de um suplício interior mais do que de uma especulação gratuita. Àquele que pensa pelo prazer de pensar opõe-se este que pensa sob o efeito de um desequilíbrio vital. Eu adoro o pensamento que preserva um sabor de sangue e de carne e prefiro mil vezes à abstração vazia uma reflexão originária de um transporte sensual ou de uma fusão nervosa. Os homens ainda não entenderam que o tempo das admirações superficiais passou, e que um grito de desespero é bem mais revelador do que a mais sutil das argúcias; que uma lágrima tem sempre fontes mais profundas do que um sorriso. Por que nos recusamos a aceitar o valor exclusivo das vivas verdades, estas que são originárias de nós mesmos? Somente compreendemos a morte experimentando a vida como uma agonia prolongada, num todo em que vida e morte misturam-se completamente.

Os saudáveis não têm a experiência da agonia, nem a sensação da morte. Sua vida desenrola-se como se tivesse um caráter definitivo. É próprio das pessoas normais considerar a morte como algo que surge do exterior e não como uma fatalidade inerente ao ser. Uma das maiores ilusões consiste em esquecer que a vida é cativa da morte. As revelações de ordem metafísica somente começam assim que o equilíbrio superficial do homem põe-se a tropeçar e que a espontaneidade inocente dá lugar a um tormento mais profundo.

O fato de que a sensação da morte somente aparece quando a vida é remoída em suas profundezas prova, com toda a evidência, a imanência da morte à própria vida. O exame das profundezas da vida mostra a que ponto é ilusória a crença em uma pureza vital e o quanto é fundada a convicção de que o seu caráter demoníaco comporta um substrato metafísico.

A morte sendo imanente à vida, por que a consciência da morte rende-nos impossível o fato de viver? O processo orgânico de vida do homem não é em nada atrapalhado, pois a entrada na morte sobrevém inocentemente através de uma queda da intensidade vital. Para este tipo humano só existe a última agonia, não a agonia durável, ligada às primícias da vida. Profundamente, cada passo na vida é um passo na morte e a lembrança disto, um chamado do Nada. Despido do sentido metafísico, o homem ordinário não tem consciência de uma entrada progressiva na morte, ainda que ele não escape mais do que os outros a este destino inexorável. Quando a consciência desliga-se da vida, a revelação da morte é tão intensa que ela destrói toda a inocência, toda a projeção de alegria e toda a volúpia natural. Há uma perversão, uma degradação desigual na consciência da morte. A poesia inocente da vida e seus charmes aparecem vazios de todo o conteúdo, bem como as teses finalistas e as ilusões teológicas.

Ter a consciência de uma longa agonia é arrancar a experiência individual da sua moldura inocente para desmascarar a nulidade e a insignificância, abordar as raízes irracionais da própria vida. Ver a morte no apagar-se, vê-la destruir uma árvore e insinuar-se no sonho, murchar uma flor ou uma civilização, porta-nos para além das lágrimas e dos lamentos, para além de toda forma e categoria. Quem nunca teve o sentimento desta terrível agonia em que a morte eleva-se para nos invadir como um fluxo de sangue, como uma força incontrolável que nos sufoca e estrangula, provocando horríveis alucinações - este ignora o caráter demoníaco da vida e as efervescências

interiores criadoras das grandes transfigurações. Somente esta sombria embriaguez pode fazer compreender porque nós desejamos tão ardentemente o fim deste mundo. Esta não é a embriaguez luminosa do êxtase em que, conquistados por visões paradisíacas, elevamo-nos em direção a uma esfera de pureza onde o vital sublima-se para se tornar imaterial. Antes, ao contrário, um suplício louco, perigoso e destruidor caracteriza esta embriaguez, em que a morte surge emparelhada aos charmes sombrios dos olhos da serpente. Tais sensações, tais visões ligam-nos à essência do real: então as ilusões da vida e da morte deixam a máscara cair. Uma agonia exaltada misturará, numa terrível vertigem, a vida à morte, enquanto um satanismo bestial emprestará lágrimas à volúpia. A vida, como agonia prolongada e caminho em direção à morte, não é nada mais do que uma versão suplementar da dialética demoníaca que a fez dar luz às formas que ela mesma destrói. A multiplicidade das formas vitais engendra uma louca dinâmica em que somente se reconhece o demonismo da transformação e da destruição. A irracionalidade da vida se manifesta neste transbordamento de formas e conteúdos, nesta frenética tentativa de renovar os aspectos usados. Uma espécie de felicidade poderia ser devolvida a quem se abandonasse a tal transformação, entregando-se, para além de toda problemática torturante, a provas das potencialidades do instante, sem a perpétua confrontação reveladora de uma relatividade intransponível. A experiência da inocência é a única passarela para a salvação. Mas para aqueles que experimentam a vida como uma longa agonia, a questão da salvação não é nada mais do que mera questão.

A revelação da imanência da morte é alcançada geralmente por meio da doença e dos estados depressivos. Existem outras vias, mas estritamente acidentais e individuais: a sua capacidade de revelação é bem mais limitada.

Se as doenças têm uma missão filosófica, esta não pode ser outra que não a de mostrar o quão frágil é o sonho de uma vida plena. A doença torna a morte sempre presente; os sofrimentos ligam-nos às realidades metafísicas, realidades que um homem normal e com boa saúde jamais compreenderia. Os jovens falam da morte como de um evento exterior; uma vez atingidos em cheio pela doença, eles perderão todas as ilusões de sua juventude. É certo que as únicas experiências autênticas são aquelas que nascem da doença. Todas as outras trazem, fatalmente, uma marca "literária", fantasiosa, pois um equilíbrio orgânico permite apenas estados sugeridos, cuja complexidade procede de uma imaginação exaltada. Somente os

verdadeiros sofredores são capazes de uma seriedade autêntica. Os outros estão prestes a renunciar, ao fundo deles mesmos, às revelações metafísicas originárias do desespero e da agonia em troca de um amor inocente ou de uma voluptuosa inconsciência.

Toda doença provoca um heroísmo - um heroísmo de resistência, não de conquista, que se manifesta pela vontade de manter as posições perdidas da vida. Irremediavelmente perdidas, no entanto, estas posições são tanto para os que a doença afeta de maneira orgânica, quanto para as pessoas cujos estados depressivos são tão frequentes que determinam seu caráter constitutivo. Explica-se assim por que as interpretações correntes não encontram nenhuma justificativa profunda para o medo da morte manifestado por alguns depressivos. Como é possível que em meio a uma vitalidade, às vezes transbordante, apareça o medo da morte ou o problema que este medo coloca? A esta questão deve-se procurar uma resposta na própria estrutura dos estados depressivos: assim que o fosso que nos separa do mundo começa a crescer, o homem se dependura sobre si mesmo e descobre a morte em sua subjetividade. Um processo de interiorização destrói, então, uma após outra, todas as formas sociais que envolvem o âmago da subjetividade. Uma vez atingido este cerne, progressiva e paroxística, esta interiorização revela uma região em que vida e morte são indissociavelmente ligadas.

No depressivo, o sentimento da imanência da morte junta-se à depressão para criar um clima de inquietação constante - clima de onde paz e equilíbrio são banidos para sempre.

A irrupção da morte na própria estrutura da vida introduz implicitamente o Nada na elaboração do ser. Mesmo que a morte seja inconcebível sem ele, mesmo que a vida seja inconcebível sem um princípio de negatividade. A implicação do Nada na ideia da morte liga-se ao medo que se tem e que só pode vir da apreensão por ele provocada. A imanência da morte marca o triunfo definitivo do Nada sobre a vida, provando assim que a morte está ali somente para atualizar progressivamente o caminho em direção ao Nada.

O desdobramento desta imensa tragédia que é a vida - a do homem em particular - mostrará o quanto a fé na eternidade da vida é ilusória; mas mostrará também que o inocente sentimento da eternidade constitui a única possibilidade de acalmar o homem histórico.

Tudo reduz-se, de fato, ao medo da morte. Onde nós vemos uma diversidade de medos, não se trata de mais do que diferentes aspectos de uma mesma reação perante a realidade fundamental. As apreensões individuais ligam-se todas por meio de obscuras correspondências a este medo essencial. Aqueles que tentam libertar-se, por meio de raciocínios artificiais, perdem-se, pois é impossível anular uma apreensão orgânica através de construções abstratas. Todo o indivíduo que se coloca seriamente o problema da morte não pode escapar do medo. É o próprio medo que guia ainda os adeptos da crença na imortalidade. O homem faz um doloroso esforço para salvar - mesmo na total ausência de certeza - o mundo dos valores em que vive e ao qual contribuiu; faz uma frustrada tentativa de vencer o Nada da dimensão temporal a fim de alcançar o universal. Frente à morte, para além de toda fé religiosa, não subsiste nada que o mundo creia ter criado para a eternidade. As formas e as categorias abstratas revelam-se, então, insignificantes, enquanto sua pretensão à universalidade torna-se ilusória sob o olhar de um processo de esvaziamento irremediável. Nunca uma forma ou uma categoria poderá alcançar a existência em sua estrutura essencial, assim como jamais poderá entender o sentido profundo da vida e da morte. O que poderia opor, então, o idealismo e o racionalismo? Nada. Quanto às outras concepções e doutrinas, elas não nos ensinam *quase* nada sobre a morte. A única atitude pertinente seria o silêncio ou um grito de desespero.

Aqueles que querem que o medo da morte não tenha justificativa profunda, na medida em que a morte não pode coexistir com o Eu, este último desaparecendo ao mesmo tempo que o indivíduo - eles esquecem o estranho fenômeno que é a agonia progressiva.

Com efeito, que alívio a distinção artificial entre o Eu e a morte poderia trazer a quem sente a morte com real intensidade? Que sentido uma sutilidade lógica ou uma argumentação podem ter para o indivíduo presa da obsessão do irremediável? Toda tentativa de enxergar os problemas existenciais sob o ângulo da lógica é condenada ao fracasso. Os filósofos são orgulhosos demais para confessar seu medo da morte e pretensiosos demais para conceder à doença uma fecundidade espiritual. Existe uma serenidade fingida em suas considerações sobre a morte: são eles que, na realidade, mais temem. Mas não esqueçamos que a filosofia é a arte de mascarar seus tormentos e suplícios.

O sentimento do irreparável que sempre acompanha a consciência e a sensação da agonia pode fazer com que compreendamos uma aceitação dolorosa, misturada de medo, mas, em caso algum, um amor ou simpatia - sejam elas quais forem - pelo fenômeno da morte. A arte de morrer não se aprende, pois ela não comporta nenhuma regra, nenhuma técnica, nenhuma norma. O indivíduo sente em si o caráter irremediável da agonia, em meio a outras agonias e tensões sem limites. A maior parte das pessoas não tem consciência da lenta agonia que se produz nelas; elas somente conhecem a agonia que precede a passagem definitiva para o Nada. Somente esta última apresenta, pensam eles, importantes revelações sobre a existência. Em vez de tirar significado de uma agonia lenta e reveladora, eles esperam a do fim. Mas o fim não lhes revelará muito: estas pessoas apagarão tão perplexas quanto viveram.

O fato da agonia desenrolar-se ao longo do tempo prova que a temporalidade não é somente condição da criação - ela é também condição da morte, deste fenômeno dramático que é ter fim. Nós reencontramos aqui o caráter demoníaco do tempo, que cerca tão bem o nascimento quanto a morte, tanto a criação quanto a destruição, sem que nós percebamos, ao mesmo tempo, no centro desta engrenagem qualquer convergência em direção ao transcendental.

O demonismo do tempo favorece o sentimento do irremediável que se impõe a todos nós, contrariando nossas tendências mais íntimas. Ser persuadido de não poder escapar a uma sorte amarga, ser submetido à fatalidade, ter certeza de que o tempo continuará a atualizar eternamente o trágico processo da destruição - *voilà* expressões do implacável. O Nada não constituiria, neste caso, a salvação? Mas que salvação haveria no Nada? Quase impossível na existência, como se realizaria fora dela?

Ou, uma vez que não há salvação, nem na existência, nem no Nada, que apodreçam, então, este mundo e suas leis eternas!

A melancolia

Todo estado de alma tende a se adaptar a um exterior que corresponda a sua categoria, ou ainda, a transformá-lo em função de sua própria natureza. Todo estado essencial e profundo envolve, de fato, uma correspondência íntima entre os planos subjetivo e objetivo. Seria absurdo conceber um entusiasmo desenfreado num meio raso e fechado; no caso em que isto se produzisse, apesar de tudo, seria devido a uma plenitude excessiva, tendente a subjetivar todo o meio. Os olhos do homem vêem no exterior o que é, de fato, uma tortura interior. Isto resulta de uma projeção subjetiva, sem a qual os estados de alma e as experiências intensas não podem encontrar sua realização. O êxtase nunca se reduz a um fenômeno puramente interno - ele transpõe ao exterior a embriaguez luminosa do interior. Basta observar o semblante de alguém em êxtase para que se compreenda toda a sua tensão espiritual.

Por que a melancolia requer um infinito exterior? Porque sua estrutura comporta uma dilatação, um vazio, aos quais não se saberia fixar fronteiras. A ultrapassagem dos limites pode se realizar de maneira positiva ou negativa. O entusiasmo, a exuberância, a cólera, etc. - são estados de efusão cuja intensidade derruba toda barreira e rompe o equilíbrio habitual. Projeção positiva da vida que resulta de um suplemento de vitalidade e de uma expansão orgânica. Assim é que a vida se encontra para além de seus determinantes normais, não para negar a si própria, mas para liberar energias latentes que arriscariam explodir. Todo estado extremo é um derivado da vida, expediente utilizado pela própria vida para se defender de si mesma. Quanto à ultrapassagem dos limites provocada pelos estados negativos, esta tem um sentido completamente diverso: ela não procede da plenitude, mas, ao contrário, de um vazio de margens indefiníveis e tanto mais que o vazio parece surgir das profundezas do ser para se estender

progressivamente como uma gangrena. Processo de diminuição antes que de crescimento; oposto ao desabrochar da existência, ele constitui um retorno em direção ao não-ser.

A sensação do vazio e da proximidade do Nada - sensação presente na melancolia - tem uma origem ainda mais profunda: um cansaço característico dos estados negativos.

O cansaço separa o homem do mundo e de todas as coisas. O ritmo intenso da vida diminui, as pulsações orgânicas e a atividade interior perdem essa tensão que particulariza a vida no mundo e que são momentos imanentes à existência. O cansaço representa o primeiro determinante orgânico do saber, pois ele engendra as condições indispensáveis de uma diferenciação do homem no mundo; através dele, une-se esta perspectiva singular que coloca o mundo frente ao homem. O cansaço nos faz viver aquém da altitude habitual da vida e não nos concede um pressentimento das tensões vitais. A fonte da melancolia encontra-se, por conseguinte, numa região em que a vida é frágil e problemática. Assim explica-se sua fertilidade para o saber e sua esterilidade para a vida.

Se nas experiências corriqueiras prevalece a intimidade inocente junto aos aspectos individuais da existência, a separação deles engendra, na melancolia, um sentimento vago do mundo, com a sensação da vagueza deste mesmo mundo. Uma experiência secreta e uma estranha visão anulam as formas consistentes e as coleiras individuais e diferenciadas, em prol de uma roupagem de transparência imaterial e universal. O distanciamento progressivo de tudo o que é concreto e individualizado nos eleva a uma visão total que ganha em extensão à medida que perde em precisão. Não existe estado melancólico sem esta ascensão, sem uma expansão em direção aos cumes, sem uma elevação para além do mundo. Longe daquela que anima o orgulho ou o desprezo, no desespero ou na tendência desenfreada à negatividade, esta ascensão vem de uma longa reflexão e de um devaneio difuso - ambos nascidos do cansaço. Se crescem asas ao homem durante a melancolia, não é para que possa gozar do mundo, mas antes, para que esteja solitário. Que sentido toma a solidão na melancolia? Não estaria ligada ao sentimento do infinito, tanto interior quanto exterior? O olhar melancólico permanece inexpressivo por ser concebido sob a perspectiva do ilimitado. O ilimitado e a vagueza interiores, que não devem ser confundidos com a fecunda infinitude do amor, exigem imperiosamente

uma extensão cujos limites sejam inalcançáveis. A melancolia comporta um estado vago, sem qualquer intenção determinada. As experiências correntes têm necessidade, quanto a elas, de objetos palpáveis e de formas cristalizadas. O contato com a vida se faz, neste caso, através do individual - é um contato estrito e certo.

O distanciamento da existência e o abandono de si ao ilimitado elevam o homem para arrancar-lhe de sua estrutura natural. A perspectiva do infinito o deixa só no mundo. Quanto mais a consciência da infinitude do mundo se torna aguda, tanto mais o sentimento de sua própria finitude se intensifica. Se, em alguns casos, esta consciência deprime e tortura, ela é, na melancolia, bem menos dolorosa - isto graças a uma sublimação que faz com que a solidão e o abandono sejam menos pesados, lhes conferindo mesmo, às vezes, um caráter voluptuoso.

A desproporção entre a infinitude do mundo e a finitude do homem é um motivo sério para o desespero; sendo considerada, apesar disso, de uma perspectiva onírica - como a dos estados melancólicos - ela deixa de ser torturante, pois o mundo cobre-se de uma beleza estranha e doentia. O sentido profundo da solidão implica uma suspensão do homem na vida - um homem atormentado, em seu isolamento, pelo pensamento da morte. Viver só significa nada mais pedir, nada mais esperar da vida. A morte é a única surpresa da solidão. Os grandes solitários nunca se retiraram para se preparar para a vida, mas, ao contrário, para esperar, resignados, seu desfecho. Não se saberia tirar, dos desertos e cavernas, uma mensagem para a vida. Ela mesma não condena, com efeito, todas as religiões que nisso tiveram sua fonte? Não há, nas iluminações e transfigurações dos grandes solitários, algo de uma visão do fim e do colapso, oposta a qualquer ideia de auréola e luz?

A significação da solidão dos melancólicos, bem menos profunda, chega a tomar até, em alguns casos, um caráter estético. Não se fala de melancolia doce e voluptuosa? A própria atitude melancólica, por sua passividade e distanciamento, não é carregada de estética?

A atitude do esteta frente à vida se caracteriza por uma passividade contemplativa que brota da realidade segundo o desejo da subjetividade, sem normas nem critérios, e que faz do mundo um espetáculo que o homem assiste passivamente. A concepção "espetacular" da vida elimina o trágico e

as antinomias imanentes à existência, que, uma vez percebidas e reconhecidas, fazem com que nos juntemos, em dolorosa vertigem, ao drama do mundo. A experiência do trágico supõe uma tensão inconcebível para um amador, pois nosso ser aí se mistura total e decisivamente, a ponto de que cada instante se torne um destino e não mais uma impressão. Presente em todo estado estético, o devaneio não constitui o elemento central do trágico. Ou antes, o que há de estético na melancolia se manifesta, precisamente, na tendência ao devaneio, à passividade e ao voluptuoso encanto. Seus aspectos multiformes nos impedem, enquanto isto, de assimilar integralmente a melancolia a um estado estético. Afinal, ela não é mais do que frequente sob sua forma sombria?

Mas o que é, primeiramente, a melancolia suave? Quem não conhece a estranha sensação de prazer das tardes de verão, assim que se abandona aos sentidos - fora de toda problemática definida e que o sentimento de uma eternidade serena fornece à alma uma tranquilidade das mais incomuns? Parece que todas as preocupações do mundo e incertezas espirituais são então reduzidas ao silêncio, como frente a um espetáculo de beleza excepcional, cujos charmes tornariam qualquer problema inútil. Para além da agitação, da perturbação e da efervescência, uma disposição tranquila saboreia, com moderada volúpia, todo o esplendor da situação. Entre os elementos essenciais dos estados melancólicos figura a calma, a ausência de qualquer intensidade particular. O pesar, parte integrante da melancolia, explica, ele também, esta ausência de intensidade específica. Se o pesar, eventualmente, persiste, ainda assim não tem intensidade o bastante para provocar um sofrimento profundo. A renovação de certos eventos ou tendências anteriores, a adição à nossa atual afetividade de elementos então inativos, a relação da tonalidade afetiva das sensações e do meio em que estas nasceram para deixá-lo em seguida - tudo isso é essencialmente determinado pela melancolia. O pesar exprime sobre o plano afetivo um fenômeno profundo: o avanço na morte devido ao fato de se viver. Eu lamento o que está morto em mim, a parte morta de mim mesmo. Eu renovo somente o fantasma das realidades e experiências acabadas, mas isto basta para mostrar a importância da parte defunta. O pesar revela a significação demoníaca do tempo que, por meio das transformações que ele suscita, provoca implicitamente nossa aniquilação.

O pesar torna o homem melancólico sem paralisá-lo, sem impedi-lo de alcançar suas aspirações, pois a consciência do irreparável, por ele suposta,

implica apenas o passado, permanecendo o porvir, de certo modo, aberto. A melancolia não é um estado de gravidade rigorosa, pois ela não tem nada da terrível sensação do irreparável que cobre a existência inteira e que se encontra em certos casos de tristeza profunda. A melancolia, mesmo a mais sombria, é antes um humor temporário que um estado constitutivo; ela jamais exclui totalmente o devaneio e não permite, portanto, assimilar-se a uma doença. Formalmente, tanto a melancolia suave e voluptuosa, quanto a melancolia mais sombria apresentam aspectos idênticos: vazio interior, infinitude exterior, difusão das sensações, devaneio, sublimação, etc. A distinção somente aparece evidenciada sob a perspectiva da tonalidade afetiva da visão. Pode ser que a multipolaridade da melancolia retenha-se antes à estrutura da subjetividade que à sua natureza. O estado melancólico revestiria-se então, dada a sua difusão, de formas diversas de acordo com os indivíduos. Desprovido de intensidade dramática, tal estado varia e oscila mais do que qualquer outro. Suas virtudes sendo mais poéticas que ativas, ele tem como que uma graça contida (motivo pelo qual é mais frequente entre as mulheres) que não se poderia encontrar na tristeza profunda.

Esta graça aparece igualmente em paisagens de coloração melancólica. A larga perspectiva da paisagem holandesa ou daquela da Renascença, com suas eternidades de sombra e de luz, com seus vales cujo deslizar simboliza o infinito e seus raios de sol que conferem ao mundo um caráter de imaterialidade, as aspirações e os pesares dos personagens rascunhando um sorriso de compreensão e indulgência - esta perspectiva reflete uma graça leve e melancólica. Numa estrutura tal, o homem parece dizer, resignado e cheio de pesar: "O que vós quereis? Isto é tudo o que nós temos." Depois de qualquer melancolia, ergue-se a possibilidade de consolação e resignação.

Os elementos estéticos da melancolia cercam as virtualidades de uma harmonia futura não oferecida pela tristeza orgânica. Esta conduz necessariamente ao irreparável, enquanto a melancolia abre-se sobre o sonho e a graça.

Nada tem importância

O que importa que eu me atormente, que eu sofra ou que eu pense? Minha presença no mundo não fará nada mais que abalar, para meu grande pesar, algumas existências tranquilas e atrapalhar - para meu pesar ainda maior - a suave inconsciência de algumas outras. Ainda que eu sinta minha própria tragédia como a mais grave da história - mais grave mesmo do que a queda de impérios ou não sei que desmoronamento no fundo de uma mina - eu tenho o sentimento implícito da minha nulidade e da minha insignificância. Ainda que persuadido de não ser nada no universo, eu sinto que minha existência é a única real. E digo mais, se eu devesse escolher entre a existência do mundo e a minha própria, eliminaria de boa vontade a primeira com todas as suas luzes e leis para que pudesse planar solitário no vazio. Ainda que a vida me seja um suplício, eu não pude renunciá-la, pois não creio que sejam absolutos os valores em nome dos quais me sacrificaria. Para ser sincero, eu deveria dizer que não sei por que vivo, nem por que não paro de viver. A chave está, provavelmente, na irracionalidade da vida, que faz com que ela se mantenha sem razão. E se houvessem somente razões absurdas para se viver? O mundo não merece que a gente se sacrifique por uma ideia ou uma crença. Nós somos mais felizes hoje porque outros o fizeram para nosso bem? Que bem? Se alguém sacrificou-se verdadeiramente para que eu fosse mais feliz no presente, eu sou, na verdade, mais infeliz do que ele, pois não concordo em fundar minha existência sobre um cemitério. Há momentos em que eu me sinto responsável por toda a miséria da história, momentos em que não compreendo por que alguns versaram seu sangue por nós. A ironia suprema consistiria em perceber que estes foram mais felizes do que nós somos hoje. Maldita seja a história! Nada mais deveria interessar-me; o problema da própria morte pareceria-me ridículo; o sofrimento - estéril e limitado; o entusiasmo - impuro; a vida - racional; a dialética da vida - lógica e não

mais demoníaca; o desespero - menor e parcial; a eternidade - uma palavra oca; a experiência do nada - uma ilusão; a fatalidade - uma piada... Pensando seriamente, para que serve isso tudo? Por que colocar-se questões, tentar esclarecer ou aceitar as sombras? Não seria melhor enterrar minhas lágrimas na areia às margens do mar, numa solidão absoluta? Mas eu nunca chorei, pois as lágrimas transformaram-se em pensamentos tão amargos quanto as próprias lágrimas.

Êxtase

Ignoro que sentido possa ter, num espírito cético para o qual neste mundo não haja nada que se resolva, o êxtase - o mais revelador e rico, o mais complexo e perigoso -, o êxtase das fundações últimas da vida. Este tipo de êxtase não nos concede nem certeza explícita, nem um saber definido, mas o sentimento de uma participação essencial é aí tão intenso que ele ultrapassa todos os limites e categorias do conhecimento comum. É como se, neste mundo de obstáculos, de miséria e de tortura, uma porta se abrisse sobre o próprio cerne da existência e nós pudéssemos tirar da mais simples, a mais essencial das visões e o mais magnífico dos enlevos metafísicos. Crieríamos então ver uma camada superficial feita de existência e formas individuais fundir-se para nos conduzir às regiões mais profundas. Seria o verdadeiro sentimento metafísico da existência possível sem a eliminação desta camada superficial? Somente uma existência purgada de seus elementos contingentes é de natureza a permitir o acesso a uma zona essencial. O sentimento metafísico da existência é de ordem extática e toda metafísica mergulha suas raízes numa forma particular de êxtase. Erramos ao admiti-la apenas numa variante religiosa. Existe, de fato, uma multiplicidade de formas que, dependendo de uma configuração espiritual específica ou de um temperamento, não conduzem necessariamente à transcendência. Por que não existiria, então, um êxtase da existência pura, de raízes imanentes à vida? Não seria ele cumprido num aprofundamento que rasga o véu superficial para permitir acesso ao cerne do mundo? Poder tocar as raízes deste mundo, realizar a embriaguez suprema, a experiência do original e do primordial, é provar um sentimento metafísico proveniente do êxtase dos elementos essenciais do ser. O êxtase como exaltação da imanência, da incandescência, da visão da loucura deste mundo - eis uma base para a metafísica - válida mesmo para os últimos instantes, para os momentos do fim... O verdadeiro êxtase é perigoso - ele se parece com a

última fase de iniciação dos mistérios egípcios, onde a fórmula: "Osíris é uma divindade negra" substituía o conhecimento explícito e definitivo. Em outros termos, o absoluto permanece, enquanto tal, inacessível. Eu só vejo no êxtase das raízes últimas uma forma de loucura, não de conhecimento. Esta experiência somente é possível na solidão - naquela que nos dá a impressão de planar sobre o mundo. Ou... A solidão acaso não oferece condições propícias à loucura? Não é característico que a loucura possa se produzir no mais cético dos indivíduos? Não é verdade que a loucura do êxtase se revela plenamente por meio da presença da mais estranha das certezas e da visão mais essencial - ambas sobre um fundo de dúvida e desespero?

Ninguém saberia, em verdade, conhecer o estado de êxtase sem a experiência prévia do desespero, pois um e outro comportam purificações que, ainda que diferentes pelo conteúdo, são de igual importância.

As raízes da metafísica são todas tão complicadas quanto as da própria existência.

Um mundo em que nada é resoluto

Existe, nesta terra, algo que escape à dúvida, à exceção da morte? - à única coisa que é certa no mundo? Continuar a viver duvidando de tudo - eis um paradoxo que não é dos mais trágicos, uma vez que a dúvida é bem menos intensa, bem menos difícil do que o desespero. A mais frequente dúvida é aquela abstrata, em que se compromete apenas uma parte do ser, contrariamente ao desespero, em que a participação é orgânica e total. Um certo diletantismo, um tanto quanto superficial caracteriza o ceticismo em visto do desespero, este fenômeno tão estranho e complexo. Eu faço bem em duvidar de tudo e em encarar o mundo com um sorriso de desprezo - e isto não me impedirá de comer, de dormir tranquilamente ou de me casar. No desespero, do qual somente vivendo se extrai a profundidade, esses atos somente são possíveis pagando o preço de esforços e sofrimentos. Nos cumes do desespero, ninguém tem mais direito ao sono. Assim, um desesperado autêntico não esquece jamais sua tragédia: sua consciência preserva a dolorosa atualidade de sua miséria subjetiva. A dúvida é uma inquietude ligada aos problemas e às coisas, e procede do caráter insolúvel de toda grande questão. Se os problemas essenciais pudessem ser resolvidos, o cético voltaria a um estado normal. Que diferença em relação à situação do desesperado, que nem mesmo a resolução de todos os problemas tornaria menos inquieto, uma vez que sua inquietude brota da própria estrutura da existência. Não são os problemas, então, mas as convulsões e chamas interiores que torturam. Pode-se lamentar que nada se resolva aqui na terra; ninguém, apesar disso, suicida-se devido a isto - a inquietude filosófica influi muito pouco na inquietude total de nosso ser. Eu prefiro mil vezes uma existência dramática, atormentada pelo seu destino e submetida ao suplício das chamas mais ardentes, à existência do homem abstrato, atormentado por questões não menos abstratas e que somente lhe afetam superficialmente. Eu desprezo a ausência do risco, da loucura e da

paixão. Quão fecundo, em vista disto, é um pensamento vivo e apaixonado, irrigado pelo lirismo! Quão dramático e interessante é o processo por meio do qual espíritos inicialmente atormentados por problemas puramente intelectuais e impessoais, espíritos objetivos a ponto de esquecerem-se de si, são, uma vez surpreendidos pela doença e sofrimento, fatalmente levados a refletir sobre sua subjetividade e sobre as experiências a afrontar. Os homens objetivos e ativos não encontram neles mesmos recursos suficientes para fazer de seu destino um problema. Para que estes se tornem subjetivos e universais a uma só vez, eles devem descer, um a um, todos os degraus de um inferno interior. Enquanto não se está reduzido a cinzas, não se pode obter a filosofia lírica - uma filosofia em que a ideia tem raízes tão profundas quanto a poesia. Acessa-se, então, uma forma superior de existência, onde o mundo e seus problemas inextrincáveis não merecem sequer mais desprezo. Não é uma questão de excelência nem de valor particular do indivíduo; fato é, simplesmente, que nada, fora de nossa agonia pessoal, nos interessa mais.

Contradições e inconseqüências

A preocupação com o sistema e com a unidade não foi e nem jamais será o lote daqueles que escrevem nos momentos de inspiração, quando o pensamento se torna uma expressão orgânica obediente aos caprichos dos nervos. A unidade perfeita e a busca por um sistema coerente indicam uma vida pessoal pobre em recursos, uma vida esquemática e rasa da qual estão ausentes a contradição, a gratuidade e o paradoxo. Somente as contradições essenciais e as antinomias interiores são testemunhas de uma vida espiritual fecunda, pois somente elas fornecem ao fluxo e à abundância internas uma possibilidade de realização. Aqueles que têm poucos estados de alma e ignoram a experiência dos confins não podem se contradizer, uma vez que suas tendências reduzidas não saberiam opôr-se. Aqueles que, ao contrário, sentem intensamente o ódio, o desespero, o caos, o nada ou o amor, que cada experiência consome e precipita em direção à morte; aqueles que não podem respirar abaixo dos cumes e que estão sempre sós, ainda mais quando estão cercados de gente - como poderiam seguir uma evolução linear ou cristalizar-se em sistema? Tudo aquilo que é forma, sistema, categoria, plano ou esquema procede de um *déficit* dos conteúdos, de uma carência de energia interior, de uma esterilidade da vida espiritual. As grandes tensões desta vida conduzem ao caos, a uma exaltação vizinha da demência. Não há vida espiritual fecunda que não conheça os estados caóticos e efervescentes da doença em seu paroxismo, quando a inspiração aparece como uma condição essencial da criação e as contradições como manifestações da temperatura interior. Quem quer que desaprove os estados caóticos não é um criador - quem quer que menospreze os estados doentios não é qualificado para falar do espírito. Somente tem valor aquilo que surge da inspiração, do fundo irracional de nosso ser, aquilo que brota do ponto central da nossa subjetividade. Todo produto exclusivo do esforço e do trabalho é desprovido de valor, assim como todo produto exclusivo da

inteligência é estéril e desinteressante. Em contraste, enfeitiça-me o espetáculo da projeção bárbara e espontânea da inspiração, a efervescência dos estados de alma, do lirismo essencial e de tudo aquilo que é tensão interior - todas as coisas que fazem da inspiração a única realidade viva na ordem da criação.

Sobre a tristeza

Se a melancolia é um estado de devaneio difuso que jamais conduz a uma profundidade ou a uma concentração intensas, a tristeza apresenta, ao contrário, um sério desdobramento sobre si mesma e uma interiorização dolorosa. Pode-se estar triste em qualquer lugar; mas, enquanto os espaços abertos privilegiam a melancolia, os espaços fechados aumentam a tristeza. Nesta, a concentração vem do fato de que ela tem quase sempre uma razão precisa, enquanto na melancolia não se pode apontar nenhum determinante exterior à consciência. Eu sei por que sou triste, mas não saberia dizer por que estou melancólico. Os estados melancólicos estiram-se no tempo sem que jamais ganhem uma intensidade particular. Tristeza e melancolia nunca explodem - nenhuma delas é capaz de atingir o indivíduo a ponto de abalar as fundações de seu ser. Fala-se frequentemente de suspiros, nunca de gritos de tristeza. Esta não é um transbordamento, mas um estado que se apaga e que morre. O que a singulariza de maneira extremamente significativa é sua aparição bastante frequente em seguida a certos paroxismos. Por que o ato sexual é seguido de abatimento, por que alguém fica triste após uma formidável embriaguez ou um desbordamento dionisíaco? Porque a energia dispensada nestes excessos somente deixa atrás de si o sentimento do irreparável e uma sensação de perda e abandono, marcados de uma forte intensidade negativa. Nós nos entristecemos após certas conquistas porque, ao invés do sentimento de ganho, provamos o de perda. A tristeza surge a cada vez que a vida se dissipa; sua intensidade equivale à importância das perdas sofridas; assim, o sentimento da morte é o que causa a maior das tristezas. Elemento revelador daquilo que distingue a melancolia da tristeza: jamais se qualificará um enterro de melancólico. A tristeza não tem qualquer caráter estético - caráter raramente ausente na melancolia. É interessante observar como o domínio da estética encolhe à medida que se aproxima das experiências e das realidades capitais. A morte nega a

estética, tanto quanto a negam o sofrimento e a tristeza. Morte e Beleza - duas noções que se excluem mutuamente... Pois eu não conheço nada de mais grave, nem de mais sinistro, do que a morte! Como explicar o fato de que poetas tenham podido achá-la bela e celebrá-la? Ela representa o valor absoluto do negativo. A ironia nos dita que a temamos, ainda que lhe idolatrando. Sua negatividade me inspira - eu o confesso - admiração; é, no entanto, a única coisa que eu posso admirar sem amar. A grandeza e a infinitude da morte impõem-se a mim, mas meu desespero é tão vasto que ele me proíbe mesmo a esperança. Como amar a morte? Somente se pode escrever sobre ela exagerando o paradoxo. Quem quer que aspire a ter dela uma ideia precisa demonstra não ter um sentimento profundo, uma vez que ele a *traz em si mesmo. Todo homem traz em si, não somente sua própria vida, mas também sua morte.*

No semblante de quem sofre intensa tristeza, leem-se tanta solidão e abandono que se questiona se a fisionomia da tristeza não apresenta a forma sob a qual a morte se objetiva. A tristeza abre uma porta ao mistério. E este é, por sua vez, tão rico que a tristeza não cessa de ser enigmática. Se uma escala dos mistérios fosse estabelecida, a tristeza entraria na categoria dos mistérios sem limites - inesgotáveis.

Uma constatação que posso verificar, para meu próprio pesar, a cada instante: somente são felizes aqueles que não pensam - ou, dito de outra forma - aqueles que pensam apenas o estrito necessário para viver. O verdadeiro pensamento se parece com um demônio que atormenta as fontes da vida, ou antes, com uma doença que afeta as suas próprias raízes. Pensar o tempo todo, colocar-se problemas capitais a cada instante e experimentar uma dúvida permanente quanto ao seu destino; estar cansado de viver, esgotado por seus pensamentos e por sua própria existência para além de todo limite; deixar atrás de si um rastro de sangue e fumaça como símbolo do drama e da morte do seu ser - isto tudo é ser infeliz a ponto de que o problema do pensar dê ânsias de vômito e a reflexão apareça como uma danação. Coisas demais são lamentáveis num mundo em que nada se deveria lamentar. Assim, eu me pergunto se este mundo realmente merece meu pesar.

A insatisfação total

Devido a que anátema certas pessoas não se sentem à vontade em lugar nenhum? Nem com, nem sem o sol; nem com os homens, nem sem eles... Ignorar o bom humor - eis uma coisa desconcertante. Os homens mais infelizes - são aqueles que não têm direito à inconsciência. Ter uma consciência sempre alerta, redefinir sem parar suas relações com o mundo, viver numa tensão perpétua do conhecimento - isto nos leva a estar perdidos para a vida. Não vive acaso o homem a tragédia de um animal constantemente insatisfeito, suspenso entre a vida e a morte? Minha condição humana irrita-me profundamente. Se pudesse, eu renunciaria a ela sem pensar duas vezes; o que me tornaria então? Um animal? Não há marcha à ré possível. Além disto, eu arriscaria de me tornar um animal consciente da história da filosofia. Tornar-se um super-homem me parece uma impossibilidade e idiotice, um fantasma risível. A solução - aproximativa, certamente - não residiria numa espécie de supra-consciência? Não se poderia viver para além (e não aquém, no sentido da animalidade) de todas as formas complexas da consciência, dos suplícios e das ansiedades, dos problemas nervosos e das experiências espirituais, numa esfera de existência em que a ascensão à eternidade deixaria de ser um simples mito? Naquilo que me diz respeito, eu renuncio à humanidade: não posso, nem quero, permanecer humano. O que me restaria a fazer enquanto tal - servir um sistema social e político, ou ainda, causar a infelicidade de uma pobre garota? Trilhar as inconseqüências dos vários sistemas filosóficos ou dedicar-me a realizar um ideal moral e estético? Tudo isto me pareceria ridículo - nada poderia me tentar. Eu renuncio à minha condição de homem, sob o risco de me encontrar sozinho nos degraus que quero subir. Acaso já não estou sozinho neste mundo do qual nada espero? Para além das aspirações e ideais correntes, uma supra-consciência forneceria, provavelmente, um espaço em que se possa respirar.

Ébrio de eternidade, eu esqueceria a futilidade deste mundo; nada mais viria atrapalhar um êxtase em que o ser seria tão puro e imaterial quando o não-ser.

O banho de fogo

Para atingir a sensação de imaterialidade, existem tantas vias que qualquer tentativa de estabelecer uma hierarquia seria extremamente aleatória - quando não inútil. Cada pessoa toma uma via diferente, seguindo seu próprio temperamento. Eu penso, quanto a mim, que o banho de fogo constitui a via mais fecunda. Experimentar, em todo o ser, um incêndio, um calor absoluto; sentir chamas devorantes fluírem de si; não ser mais do que brilho e fascínio - eis o que significa o banho de fogo. Cumpre-se, então, uma purificação capaz de anular a própria existência. Acaso as ondas de calor e as chamas não devastam tudo até o núcleo; não corroem a vida; não reduzem o ímpeto, reduzindo-lhe todo o caráter agressivo a uma simples aspiração? Viver um banho de fogo, sofrer os caprichos de um violento calor interior - não seria isto atingir uma pureza imaterial, comparável à dança das chamas? A liberação do fardo, graças a este banho de fogo, não faz da vida uma ilusão e sonho? E isto é ainda muito pouco quando comparado à sensação final - tão paradoxal - em que o sentimento desta irrealidade onírica dá lugar à sensação de estar reduzido às cinzas. Esta sensação coroa necessariamente todo banho de fogo interior. Pode-se, à partir de então, falar de imaterialidade. Consumidos em último grau pelas próprias chamas, privados de qualquer existência individual, transformados num monte de cinzas, como poderíamos experimentar ainda a sensação de viver? Uma louca volúpia de infinita ironia domina-me quando imagino minhas cinzas espalhadas pelos quatro cantos do mundo, freneticamente sopradas pelo vento, disseminando-me no espaço como uma eterna advertência ao destino do mundo.

A desintegração

Dentre todos aqueles que não perderam sua ingenuidade, ninguém é infeliz. Aqueles que viveram e continuam a viver presos à existência, não por imbecilidade, mas por um amor instintivo ao mundo - estes atingem a harmonia, uma tal integração à vida que aqueles que assombram as extremidades do desespero não podem fazer mais do que invejar. A desintegração corresponde a uma perda total da ingenuidade, este maravilhoso dom destruído pelo conhecimento, pois a desintegração é inimiga declarada da vida. O arrebatamento frente ao charme espontâneo do ser, a experiência inconsciente das contradições, que perdem implicitamente o que têm de trágico - são expressões da inocência, terreno fértil para o amor e para o entusiasmo. Não experimentar as contradições de forma dolorosa, isto é atingir a alegria virginal da inocência, permanecer fechado à tragédia e ao sentimento da morte. A ingenuidade é opaca ao trágico, mas aberta ao amor, pois o ingênuo - não consumido por contradições internas - possui os recursos necessários para aí se consagrar. Para o desintegrado, enquanto isto, o trágico adquire uma intensidade extremamente penosa, pois as contradições não sobrevivem somente a si mesmo, mas também a tudo o que há entre ele e o mundo. Frente ao trágico, não existem mais do que duas atitudes fundamentais: a ingênua e a heroica; todas as outras não fazem mais do que diversificar as nuances. Eis a única escolha possível se não se quer sucumbir à imbecilidade. Desta forma, a ingenuidade sendo, para o homem confrontado por tal alternativa, um bem perdido, impossível de ser reconquistado, somente resta o heroísmo. A atitude heroica é o privilégio e a danação dos desintegrados, dos suspensos, dos abandonados à própria sorte pela felicidade e pela satisfação. Ser um herói - no sentido mais universal da palavra - significa desejar um triunfo absoluto, que apenas se pode obter pela morte. Todo heroísmo transcende a vida, implicando fatalmente um salto no nada. Todo heroísmo é então um heroísmo do nada,

ainda que o herói não tenha consciência e não se dê conta de que seu ímpeto procede de uma vida privada de seus motores habituais. Tudo aquilo que não nasce da ingenuidade e que não conduz a ela pertence a esse mesmo nada. Exerceria ele, então, uma atração real? Neste caso, esta atração teria mistério demais para que se tomasse consciência dela.

Sobre a realidade do corpo

Eu jamais compreenderei por que se pôde chamar o corpo de ilusão - não mais do que compreenderei como se pôde conceber o espírito à parte do drama da vida, de suas contradições e de suas deficiências. Isto é, de toda evidência, não ter consciência da carne, dos nervos e de cada órgão. Incompreensível, me parece, tudo isto, ainda que eu desconfie que esta inconsciência seja uma condição essencial da felicidade. Aqueles que permanecem ligados à irracionalidade da vida, subservientes ao mesmo ritmo orgânico anterior à aparição da consciência, não percebem o estado em que a realidade corporal está ligada a esta mesma consciência. Tal ligação denota, com efeito, uma doença essencial da vida. Pois não é uma doença sentir constantemente suas pernas, seu estômago, seu coração, etc., de ter consciência da menor parte de seu corpo? A realidade do corpo é uma das mais assustadoras que existem. Eu gostaria de saber o que seria do espírito sem os tormentos da carne, ou a consciência sem uma grande sensibilidade dos nervos. Como se pode conceber a vida na ausência do corpo, como se pode imaginar uma existência autônoma e original do espírito? Pois o espírito é o fruto de uma desorganização da vida - tanto quanto o homem é um animal que traiu suas origens. *A existência do espírito é uma anomalia da vida.* Por que eu não renunciaria ao espírito? Esta renúncia não seria também uma doença do espírito, antes de ser uma doença da vida?

Eu não sei o que é bem e o que é mal; o que é permitido e o que não é; eu não posso nem louvar, nem condenar. Neste mundo, nenhum critério ou princípio consistente. Surpreendo-me com que alguns ainda se preocupem com a teoria do conhecimento. Para ser sincero, eu deveria confessar que

não dou a mínima para a relatividade do nosso saber, pois este mundo não merece ser conhecido. Às vezes me vem o sentimento de um saber integral que esgota todo o conteúdo do mundo, e às vezes eu não compreendo estritamente nada do que se passa em meu entorno. Eu sinto como um gosto pungente e uma amargura diabólica e bestial que fazem com que o problema da própria morte me pareça inosso. Eu me dou conta, pela primeira vez, do quanto esta amargura é difícil de definir. Isto vem, talvez, do fato de que eu também perca meu tempo em procurar fontes de ordem teórica, enquanto esta amargura procede de uma região eminentemente "pré-teórica".

Nestes momentos, eu não creio em nada e não tenho nenhuma esperança. Tudo aquilo que faz o charme da vida me parece vazio de sentido. Eu não tenho nem o sentimento do passado, nem o do futuro; e o presente não me parece mais do que veneno. Eu não sei se estou desesperado, pois a ausência de qualquer esperança não é necessariamente o desespero. Nenhum qualificativo saberia definir-me, pois eu não tenho mais nada a perder. E dizer que eu perdi tudo no momento em que, ao redor de mim, tudo desperta. Como estou longe de tudo!

Solidão individual e solidão cósmica

Podemos conceber duas formas de experimentar a solidão: sentir-se só no mundo ou sentir a solidão do mundo. Quem se sente só vive um drama puramente individual - o sentimento do abandono pode advir na mais esplêndida situação. Ser jogado neste mundo, incapaz de adaptar-se, destruído por suas próprias deficiências ou exaltações, indiferente aos aspectos exteriores - sejam eles sombrios ou brilhantes - para permanecer pregado a seu drama interior, eis o que significa a solidão individual. Mas o sentimento da solidão cósmica procede menos de um tormento puramente subjetivo do que da sensação do abandono deste mundo, de um vazio objetivo. Como se o mundo tivesse perdido subitamente todo o brilho para evocar a monotonia essencial de um cemitério. Muitos são torturados pela visão de um universo abandonado, irremediavelmente consagrado a uma solidão glacial, que mesmo os fracos reflexos de um luar do crepúsculo não saberiam atingir. Quais são, então, os mais infelizes: aqueles que sentem a solidão em si mesmos ou aqueles que a sentem no exterior? Impossível de responder. E depois, por que me constrangeria a estabelecer uma hierarquia na solidão? Já não é o bastante estar só?

Afirmo aqui, na intenção de todos aqueles que me sucederão, que eu não tenho nada em que posso crer na terra e que a salvação reside no esquecimento. Eu adoraria poder esquecer tudo, esquecer-me de mim mesmo e do mundo inteiro. As verdadeiras confissões escrevem-se com lágrimas. Mas as minhas bastariam para afogar este mundo, assim como meu fogo interior seria o suficiente para incendiá-lo. Eu não preciso de

nenhum apoio, de nenhum encorajamento, nem de qualquer compaixão, pois, por mais caído que eu seja, sinto-me poderoso, duro, feroz! Eu sou, com efeito, o único homem a viver sem esperança. Eis o ápice do heroísmo, seu paroxismo e seu paradoxo. A loucura suprema! Eu deveria canalizar a paixão caótica e informe que me habita, a fim de tudo esquecer, de não ser mais nada, de me liberar do saber e da consciência. Se eu devo ter uma esperança, esta seria a do esquecimento absoluto. Mas não se trata antes de um desespero? Esta "esperança" não constitui a sua própria negação? Eu não quero mais saber de nada, nem mesmo do fato de nada saber. Por que tantos problemas, discussões e arrebatamentos? Por que uma tal consciência da morte? Alto à filosofia e ao pensamento!

Apocalipse

Como eu adoraria que todas as pessoas ocupadas ou encarregadas de missões, homens e mulheres, jovens e velhos, sérios e levianos, felizes e tristes, abandonassem um belo dia suas necessidades, renunciando a todo dever ou obrigação, para sair na rua e dar fim a toda atividade! Estas pessoas estúpidas, que trabalham sem razão e se orgulham de contribuir para o bem da humanidade, labutando pelas gerações futuras sob o impulso da mais sinistra das ilusões, se vingariam então de toda a mediocridade de uma vida nula e estéril, deste absurdo desperdício de energia tão contrário a todo avanço espiritual. Como eu degustaria o instante em que mais ninguém se deixaria enganar por um ideal ou tentar por uma das satisfações que oferece a vida, em que toda resignação seria ilusória, em que as estruturas de uma vida normal explodiriam definitivamente! Todos aqueles que sofrem em silêncio, sem ousar exprimir sua amargura pelo menor suspiro, gritariam então num coro sinistro, cujos clamores terríveis fariam tremer a terra inteira. Que possam as águas romper e as montanhas abalar-se horripelmente, as árvores exhibir suas raízes como uma hedionda e eterna advertência, os pássaros crocitar como os corvos, os animais assustados vagar até o esgotamento. Que todos os ideais sejam declarados nulos; as crenças - ninharias; a arte - uma mentira, e a filosofia - uma gozação. Que tudo seja erupção e colapso. Que vastos pedaços arrancados do solo voem e sejam reduzidos a poeira; que as plantas comonham no firmamento arabescos bizarros, contorções grotescas, figuras mutiladas e assustadoras. Possam os turbilhões de chamas elevar-se num ímpeto selvagem e invadir o mundo inteiro, para que mesmo o menor dos seres vivos saiba que o fim está próximo. Que toda forma se torne informe e que o caos engula numa vertigem universal tudo o que, neste mundo, possua estrutura e consistência. Que tudo seja uma demente colisão - estertor colossal, terror e explosão, seguidos de um silêncio eterno e de um esquecimento definitivo.

Que nestes momentos finais os homens vivam numa tal temperatura que tudo quanto a humanidade nunca sentira em matéria de pesar, aspiração, amor, ódio e desespero estoure neles numa devastadora explosão. De tal insurreição, na qual ninguém mais encontraria sentido para a mediocridade do dever, em que a existência se desintegraria sob a pressão de suas contradições internas, o que restaria afora o triunfo do Nada e a apoteose do não-ser?

O monopólio do sofrimento

Eu me pergunto por que o sofrimento não oprime mais do que uma minoria. Existe uma razão desta seleção que isola, entre os indivíduos normais, uma categoria de eleitos destinados aos suplícios mais apavorantes? Certas religiões afirmam que o sofrimento é o meio do qual se serve a Divindade para nos testar, ou para nos fazer expiar um pecado. Esta concepção pode valer para um fiel, mas aquele que vê o sofrimento atacar indiferentemente puros e inocentes não saberia admiti-lo. Nada pode justificar o sofrimento, e querer fundá-lo numa hierarquia de valores é estritamente impossível - mesmo supondo que uma tal hierarquia pudesse existir.

O aspecto mais estranho dos sofredores reside na crença no valor absoluto de seu tormento - e que lhes dá a impressão de deter o monopólio. Eu tenho a ideia de ter concentrado em mim todo o sofrimento deste mundo e de ter o seu gozo exclusivo - mesmo que eu constate sofrimentos ainda mais atrozes, que se pode morrer perdendo pedaços de carne, desintegrando-se sob seus próprios olhos; sofrimentos monstruosos, criminosos, inadmissíveis. Pergunta-se como eles podem advir, e, uma vez que eles advêm, como falar ainda de finalidade e de outras trivialidades. O sofrimento impressiona-me tanto que perco quase toda a coragem. Eu não posso entender a razão do sofrimento no mundo; que ele derive da bestialidade, da irracionalidade, do demonismo da vida, isto explica sua *presença*, mas não fornece sua *justificação*. É, então, provável que o sofrimento não tenha nenhuma, da mesma forma que a existência em geral. A existência deveria ser? Ou ela tem uma razão puramente imanente? O ser não é apenas ser? Por que não admitir um triunfo final do não-ser, por que não admitir que a existência caminha em direção ao vazio, e o ser em direção ao não-ser? Este último ponto não constituiria a única realidade absoluta? Eis um paradoxo do tamanho do mundo.

Ainda que o sofrimento como fenômeno me impressione e, às vezes, mesmo me encante, eu não saberia escrever-lhe uma apologia, pois o sofrimento durável - e o verdadeiro sofrimento é assim - por mais purificador que ele seja na sua primeira fase, acaba por arruinar, destruir, desagregar. O entusiasmo fácil pelo sofrimento caracteriza os estetas e os diletantes, que o tomam por divertimento, ignorando sua terrível força de decomposição e seus recursos venenosos de desagregação, bem como sua fecundidade, à qual deve-se, entretanto, pagar muito caro. Deter o monopólio do sofrimento é voltar a viver suspenso sobre um abismo. Todo o verdadeiro sofrimento é um abismo.

O sentido do suicídio

Quão covardes são aqueles que alegam que o suicídio é uma afirmação da vida! Para compensar a sua falta de coragem, eles inventarão todos os tipos de razão supostamente capazes de desculpar sua incapacidade. Não há, para ser sincero, vontade ou decisão racional de se suicidar, mas somente determinantes orgânicos e íntimos que nos predestinam a ele.

Os suicidas tem uma propensão patológica pela morte, à qual eles verdadeiramente resistem, sem que possam, no entanto, suprimir. A vida atingiu neles um tal desequilíbrio que nenhum motivo de ordem racional pode mais consolidá-la. Nenhum suicídio procede unicamente de uma reflexão sobre a inutilidade do mundo ou sobre o vazio da vida. A quem me opor o exemplo desses antigos sábios que se suicidavam na solidão, responderei que eles já tinham liquidado neles mesmos a menor parcela de vida, destruído toda alegria de existir e suprimido toda tentação. Refletir longamente sobre a morte ou sobre outras questões angustiantes traz à vida um golpe mais ou menos decisivo - mas não é menos verdade que este gênero de tormento possa afetar somente um ser já atingido. Os homens nunca se suicidam por razões exteriores, mas devido a um desequilíbrio interno, orgânico. Os mesmos eventos deixam alguns indiferentes, marcam outros e conduzem uns poucos ao suicídio. Para chegar à obsessão de causar a própria morte, deve-se passar por tanto tormento, tanto suplício, um colapso das barreiras interiores tão violento que a vida não é mais do que uma sinistra agitação, uma vertigem, um turbilhão trágico. Como o suicídio poderia ser então uma afirmação da vida? Dizemos que ele é provocado pelas decepções: isto significa que desejamos a vida e que esperamos mais do que ela pode dar. Que falsa dialética! - como se o suicida não tivesse vivido antes de morrer; como se ele não tivesse tido ambição, esperança, dor ou desespero! No suicídio, importa o fato de não

mais se poder viver - fato que deriva, não de um capricho, mas da mais espantosa tragédia interior. E reivindica-se que não mais poder viver é afirmar a própria vida? Surpreendo-me com o fato de que se procure ainda uma hierarquia dos suicídios: nada de mais imbecil que querer classificá-los segundo a nobreza ou a vulgaridade das paixões. Já não impressiona o bastante por si só o desejo de retirar-se da vida, sem que se tenha que buscar razões? Eu tenho o maior desprezo por aqueles que simulam suicídio por amor, pois eles são incapazes de compreender que um amor irrealizável represente, para o amante, uma impossibilidade de se definir, uma perda integral do seu ser. Um amor total, não realizado, somente pode conduzir ao colapso. Só duas categorias de homem suscitam minha admiração: aqueles que podem se tornar loucos a qualquer momento e aqueles que são capazes, a qualquer momento, de se suicidar. Apenas estes podem me impressionar, pois somente eles experimentam grandes paixões e conhecem grandes transfigurações. Aqueles que experimentam a vida de um modo positivo, na certeza de cada instante, como que encantados pelo passado, presente e futuro, não têm nada mais do que minha estima. Somente aqueles que estão em contato permanente com as realidades últimas me tocam realmente.

Por que eu não me suicido? Porque a morte me enoja tanto quanto a vida. Não tenho a menor ideia da minha razão de ser aqui no mundo. Sinto, neste momento, uma imperiosa necessidade de gritar, de soltar um uivo que espante o universo. Cresce em mim um rugido sem precedentes - e pergunto-me por quê ele não explode, para esvaziar este mundo, que eu engoliria em meu vazio. Sinto-me o ser mais terrível que já tenha existido na história, um bruto apocalíptico transbordando de chamas e de trevas. Eu sou um selvagem de grotesco sorriso, que se contrai e se dilata ao infinito, que morre e cresce ao mesmo tempo, exaltado entre a esperança do nada e o desespero do tudo, nutrido de fragrâncias e veneno, queimado pelo amor e pelo ódio, aniquilado pelas luzes e pelas sombras. Meu símbolo é a morte da luz e a chama da morte. Em mim, toda fagulha se apaga para renascer como relâmpago e trovão. Afinal, as próprias trevas em mim não queimam?

O lirismo absoluto

Eu gostaria de explodir, escorrer, decompor-me - e que esta destruição seja a minha obra, minha criação, minha inspiração. Produzir-me no esvaziamento, elevar-me, num ímpeto demente, para além dos confins - e que minha morte seja meu triunfo. Eu gostaria de fundir-me ao mundo e que o mundo se fundisse em mim - que nós gerássemos, em nosso delírio, um sonho apocalíptico, estranho como uma visão do fim e magnífico como um grande crepúsculo. Que nasçam, do tecido de nosso sonho, esplendores enigmáticos e sombras conquistadoras, que um incêndio total engula este mundo e que suas chamas provoquem volúpias crepusculares, tão complicadas quanto a morte e tão fascinantes como o vazio. Preciso das tensões da demência para que o lirismo atinja sua expressão suprema. *O lirismo absoluto é aquele dos últimos instantes.* A expressão aí confunde-se com a realidade, torna-se tudo, torna-se uma hipóstase do ser. Não mais objetivação parcial, menor e não reveladora, mas parte integrante de nós mesmos. À partir de então, não contam mais apenas a sensibilidade e a inteligência, mas também o ser, o corpo inteiro e toda a nossa vida com seu ritmo e suas pulsações. O lirismo total não é nada mais que o destino levado ao grau supremo do conhecimento de si. Cada uma das suas expressões é um pedaço de nós mesmos. Só é possível encontrá-lo em momentos essenciais, quando os estados expressos consomem-se ao mesmo tempo em que a própria expressão - como o sentimento da agonia e o fenômeno complexo do morrer. O ato e a realidade coincidem: o primeiro não é mais uma manifestação da segunda, mas é ela própria. O lirismo como inclinação para a auto-objetivação situa-se para além da poesia, do sentimentalismo, etc. Ele se aproxima antes de uma metafísica do destino, na medida em que nele se encontram uma total atualidade da vida e o conteúdo mais profundo do ser em busca de conclusão. Em regra, o lirismo absoluto tende a tudo

resolver - mas a resolver em direção à morte. Pois tudo aquilo que é capital relaciona-se com ela.

A sensação da confusão absoluta! Não mais ser capaz de qualquer distinção, nada mais poder esclarecer, nada mais entender... Esta sensação faz do filósofo um poeta. Todos os filósofos, enquanto isto, não podem, nem conhecê-la, nem vivê-la com uma intensidade permanente. Se eles a conhecessem, não poderiam mais filosofar de maneira abstrata e rigorosa. O processo de transformação do filósofo em poeta é essencialmente dramático. Do pico do mundo definitivo, formas e questões abstratas assombram-nos, em plena vertigem dos sentidos, na confusão do elementos da alma, que se entrelaçam para dar a luz à construções bizarras e caóticas. Como se poderia engajar na filosofia abstrata enquanto sente-se o desdobramento de um drama complexo em que se misturam um pressentimento erótico com uma inquietude metafísica torturante, o medo da morte com uma aspiração à inocência, a renúncia total com um heroísmo paradoxal, o desespero com o orgulho, o pressentimento da loucura com um desejo de anonimato, o grito com o silêncio e o entusiasmo com o vazio? Além disso, estas tendências misturam-se e elevam-se numa efervescência suprema e numa loucura interior, até a confusão total. Isto exclui toda filosofia sistemática, toda construção precisa. Muitos espíritos começaram pelo mundo das formas para terminar na confusão. Também eles já não podem mais filosofar de uma maneira diferente da poética. Mas neste grau de confusão, somente contam os suplícios e as volúpias da loucura.

A essência da graça

Muitos artifícios nos arrancariam da fascinação de transcender nossa cega ligação com a vida; mas a graça só concede um distanciamento que não rompe o vínculo com as forças irracionais da existência, porque ela é um salto inútil, um ímpeto desinteressado em que o charme inocente e o ritmo confuso da vida mantêm seu frescor. Toda graça é um voo, uma volúpia da elevação.

Os gestos graciosos evocam, em seu desenvolvimento, a impressão de um voo realizado sobre o mundo, leve e imaterial. Sua espontaneidade tem a delicadeza de um bater de asas, a naturalidade de um sorriso e a pureza de um sonho primaveril. A dança não é a mais viva expressão da graça? O sentimento da vida, concedido por ela, faz desta uma tensão imaterial, um fluxo de vitalidade pura que jamais excede a harmonia imanente a todo ritmo delicado. A graça envolve sempre como um sonho da vida, um jogo gratuito, uma expansão que encontra seus limites no interior dela mesma. Ela concede também uma agradável ilusão de liberdade, de abandono direto e espontâneo, de um sonho imaculado cheio de claridade. O desespero apresenta um paroxismo da individualização, uma interiorização dolorosa e singular, um isolamento nos cumes. Todos os estados que resultam de uma ruptura e que nos levam aos picos da solidão intensificam a individualização, conduzindo-lhe ao seu paroxismo. A graça, ao contrário, leva a um sentimento harmonioso, a uma inocente realização, que exclui a sensação de isolamento. Ela cria um estado de ilusão em que a vida nega e transcende suas antinomias e sua dialética demoníaca, em que as contradições, o irreparável e a fatalidade desaparecem temporariamente para dar lugar a uma espécie de existência sublimada. Enquanto isto, não importa o quão rica seja a graça em sublimação e a pureza aérea, elas nunca atingirão as grandes purificações dos cumes em que se realiza o sublime. As

experiências correntes jamais trazem a vida a um ponto de tensão paroxística, de vertigem interior; elas nem libertam do peso, nem triunfam - ainda que temporariamente - sobre a gravitação, símbolo da morte. A graça, por outro lado, representa uma vitória sobre a pressão das forças de atração subterrâneas, uma evasão das garras bestiais, das inclinações demoníacas da vida e de suas tendências negativas. Que não nos impressionemos se a vida parecer então mais luminosa, envolta de um brilho radiante. Excedendo o demoníaco e a negatividade em direção a uma harmonia formal, ela acede ao bem-estar mais rapidamente do que fariam as complicadas vias da fé, onde esta somente sobrevém ao termo de contradições e tormentos. Que diversidade no mundo - dizer que existe, ao lado da graça, um medo contínuo que nos corrói até o esgotamento... Quem não experimentou o medo de tudo, o terror do mundo, a ansiedade universal, a inquietude suprema, o suplício de cada instante - este jamais saberá o que querem dizer a tensão física, a demência da carne e a loucura da morte. Tudo aquilo que é profundo brota da doença; somente aquilo que procede dela tem outros valores além do estético e formal. Estar doente é viver, quer se queira quer não, nos cumes. Estes, enquanto isto, não designam unicamente alturas, mas também abismos e profundidades. Somente existem cumes abissais, dos quais se pode cair a cada instante; são estas quedas, justamente, que permitem atingir os picos. A graça, por sua parte, representa um estado de contentamento, e até mesmo de felicidade: nem abismos, nem grandes sofrimentos. Por que as mulheres são mais felizes do que os homens, senão porque a graça e a inocência são, nelas, incomparavelmente mais frequentes? Sem dúvida, elas também não chegam a escapar das doenças e das insatisfações, mas sua graça inocente lhes fornece um equilíbrio superficial que não saberia conduzir a tensões perigosas. A mulher não arrisca nada no plano espiritual, pois nela a antinomia da vida e do espírito tem uma intensidade menor do que no homem. O sentimento gracioso da existência não conduz em nada às revelações metafísicas, nem à perspectiva dos últimos instantes, nem à visão das realidades essenciais, que nos fazem viver como se não vivêssemos mais. As mulheres desconcertam: quanto mais pensamos nelas, menos as compreendemos. Processo análogo àquele que nos reduz ao silêncio à medida que refletimos sobre a essência última do mundo. Mas enquanto permanecemos, neste caso, atordoados frente a um infinito indecifrável, o vazio da mulher nos aparece como um mistério. A mulher tem por missão permitir ao homem escapar da pressão torturante do espírito; ela pode ser uma salvação. Sem ter salvado o mundo, a graça terá, pelo menos, salvado as mulheres.

Vaidade da compaixão

Como ter ideais quando existe, nesta Terra, surdos, cegos e loucos? Como eu poderia me alegrar do dia que um outro não pode ver ou do som que ele não pode escutar? Sinto-me responsável pelas trevas de todos e considero-me um ladrão de luz. Com efeito, não roubamos o dia àqueles que não vêem e o som àqueles que não escutam? Nossa lucidez não é culpável pelas trevas dos loucos? Sem saber por que, assim que penso nestas coisas perco toda a coragem e toda a vontade; o pensamento parece-me inútil e vã a compaixão. Eu não me sinto suficientemente normal para simpatizar com a desgraça de quem quer que seja. A compaixão é uma marca de superficialidade: os destinos esgotados e as desventuras irremediáveis nos conduzem seja ao uivo, seja à inércia permanente. A piedade e a comiseração são tão ineficazes quanto insultantes. Além disso, como simpatizar com o infortúnio de outro quando nós mesmos sofremos infinitamente? A compaixão não cria nenhuma obrigação, daí sua frequência. Ninguém morre aqui na Terra de sofrimento pelo outro. Quanto àquele que fingiu morrer por nós, ele não morreu: ele foi colocado à morte.

Eternidade e moral

Ninguém soube dizer, até os dias de hoje, o que é o bem e o mal. Será o mesmo, certamente, no futuro. Pouco importa a relatividade: só conta a impossibilidade de não fazer uso destas expressões. Sem saber o que é bem, nem o que é mal, e qualifico as ações, entretanto, em boas ou más. Se me perguntassem em razão de quê me pronuncio de tal forma, eu não saberia responder. Um processo instintivo me faz apreciar as coisas segundo critérios morais; pensando nisto em retrospectiva, não lhes encontro mais nenhuma justificação. A moral tornou-se tão complexa, e tão contraditória, porque os valores morais cessaram de se constituir em *ordem da vida* para se cristalizar numa região transcendente, não mantendo mais do que frágeis contatos com as tendências vitais e irracionais. Como fundaríamos, então, uma moral? A palavra **bem** me dá vontade de vomitar, de tão insossa e inexpressiva. A moral ordena-nos a obrar pelo triunfo do bem. De que maneira? Por meio do cumprimento do dever, do respeito, do sacrifício, da modéstia, etc... Nisto somente vejo, por minha parte, palavras vagas e vazias de sentido: frente ao fato bruto, os princípios morais revelam-se tão vãos que nós nos perguntamos se não valeria mais à pena, no final das contas, viver sem critérios. Adoraria um mundo que não tivesse nenhum, sem forma nem princípio - um mundo da indeterminação. Pois, no nosso, esses conceitos exasperam mais do que qualquer absolutismo normativo. Eu vejo um mundo de fantasia e sonho, onde debater sobre a legitimidade das normas não teria mais nenhum sentido. Uma vez que, de toda maneira, a realidade é irracional na sua essência, para quê separar o bem do mal - para quê distinguir o que quer que seja? Aqueles que sustentam que podemos, apesar de tudo, salvar a moral frente à eternidade enganam-se redondamente. Eles afirmam que apesar do triunfo do prazer, das satisfações menores e do pecado, só subsistem, diante da eternidade, a boa-ação e a realização moral. Depois das misérias e dos prazeres efêmeros,

presenciamos - *é o que dizem* - o triunfo final do bem, a vitória definitiva da virtude. Eles não devem ter notado que se a eternidade varre as satisfações e prazeres superficiais, ela varre não menos tudo aquilo a que chamamos virtude, boa-ação e ato moral. A eternidade não conduz nem ao triunfo do bem, nem ao do mal: ela anula tudo. Condenar o epicurismo em nome da eternidade é um absurdo. Em quê meu sofrimento me faria durar mais tempo do que um *bon vivant*? Objetivamente falando, o que pode significar o fato de que um indivíduo estremeça na agonia, enquanto um outro chafurda na volúpia? Que soframos ou não, o vazio nos engolirá indiferente, irremediavelmente e para sempre. Não saberíamos falar de um acesso objetivo à eternidade, mas somente de um sentimento subjetivo, fruto de descontinuidades na experiência do tempo. Nada daquilo que cria o homem pode conduzir a uma vitória definitiva. Por que embriagar-se em ilusões morais, quando existem ilusões muito mais belas? Aqueles que falam da salvação moral frente à eternidade evocam o eco indefinido no tempo do ato moral, sua ressonância ilimitada. Nada é menos verdadeiro, pois aqueles que se dizem virtuosos - na verdade, simples covardes - desaparecem muito mais rapidamente da consciência do mundo do que os adeptos do prazer. De qualquer maneira, mesmo no caso contrário, o que significariam algumas dezenas de anos suplementares? Todo prazer não realizado é uma ocasião perdida pela vida. Assim, não serei eu o responsável por brandir o sofrimento ao mundo, a fim de interditar-lhe as orgias e os excessos. Deixemos os medíocres falarem das consequências dos prazeres: as da dor não são muito mais sérias? Somente um medíocre desejará, para morrer, atingir o estado da velhice. Que sofram, então, ou embriaguem-se, que bebam do cálice do prazer até a última gota, que chorem ou riem, que gritem de alegria ou desespero - nada restará de toda forma. Qualquer moral não tem outro objetivo além do de transformar esta vida numa soma de ocasiões perdidas.

Instante e eternidade

A eternidade apenas se deixa ser compreendida enquanto experiência, como algo de vivido. Concebê-la objetivamente não tem nenhum sentido para o indivíduo, pois sua finitude temporal não lhe permite considerar uma duração infinita, um processo ilimitado. A experiência da eternidade depende da intensidade das reações subjetivas; a entrada na eternidade somente pode ser cumprida transcendendo-se a temporalidade. Deve-se conduzir um combate áspero e intenso contra o tempo para que ele apenas permaneça - uma vez vencida a miragem da sucessão de momentos - a vivência exasperada do instante, que nos precipita diretamente rumo ao atemporal. Como a imersão absoluta no instante concede-nos tal acesso? A percepção do porvir resulta da insuficiência dos instantes, de sua relatividade: todos aqueles que são dotados de uma consciência afiada da temporalidade vivem cada segundo pensando no seguinte. Somente se tem acesso à eternidade, por outro lado, suprimindo-se toda correlação, vivendo-se cada instante de maneira absoluta. Toda a experiência da eternidade supõe um salto e uma transfiguração, pois muito poucos são capazes da tensão necessária para atingir esta paz serena que se encontra na contemplação do eterno. Não é a duração, mas a potência desta contemplação que mais importa. O retorno às vivências habituais não diminui em nada a fecundidade desta intensa experiência. A frequência da contemplação é essencial - só a repetição permite atingir a embriaguez da eternidade, onde as volúpias têm algo de supra-terrestre, uma transcendência radiante. Isolando cada instante na sucessão, concedemos-lhe um caráter absoluto, mas que permanece puramente subjetivo, sem qualquer elemento de irrealidade ou fantasia. Na perspectiva da eternidade, o tempo é, com seu cortejo de instantes individuais, senão irreal, ao menos insignificante em vista das realidades essenciais.

A eternidade faz com que vivamos sem lamentar ou esperar o que quer que seja. Viver cada momento por ele mesmo - isto é exceder a relatividade do gosto e das categorias, distanciar-se da imanência em que nos encerra a temporalidade. O viver imanente à vida é impossível sem o viver simultâneo no tempo, pois a vida como atividade dinâmica e progressiva exige a temporalidade: privada desta, ela perde seu caráter dramático. Quanto mais a vida é intensa, mais o tempo se torna essencial e revelador. Além disso, a vida apresenta uma multiplicidade de *direções* e de arroubos que somente podem ser empregados no tempo. Falando da vida, nós mencionamos *instantes*; falando da eternidade - o instante. Não há uma ausência de vida na experiência da eternidade, nesta vitória sobre o tempo, nesta transcendência dos momentos? Uma transfiguração opera-se, um desvio súbito da vida rumo a um plano diferente, no qual a antinomia e a dialética das tendências vitais estão como que purificadas. Aqueles que são predispostos à contemplação da eternidade, tais como os mestres orientais, ignoram nosso áspero combate para transcender o tempo, ignoram nossos esforços de interiorização - nós que estamos profundamente contaminados pela temporalidade. A contemplação da própria eternidade é para nós uma fonte de sedutoras visões e de estranhos encantamentos. Tudo é permitido ao indivíduo dotado da consciência da eternidade, pois, para ele, as diferenciações fundam-se numa imagem de monumental serenidade, que parece o resultado da paixão que se sente por uma mulher, por seu próprio destino ou por seu desespero; mas a propensão que se tem pelas regiões da eternidade atrai uma espécie de élan para a paz de uma luz estelar.

História e eternidade

Por que eu deveria continuar a viver na história, a dividir os ideais de minha época, a preocupar-me com a cultura ou com os problemas sociais? Estou cansado da cultura e da história; é quase impossível que, de agora em diante, eu participe dos tormentos do mundo e das suas aspirações. Devemos *ultrapassar* a história: só atingimos tal estado assim que passado, presente e futuro não têm mais qualquer importância - quando nos é indiferente saber *onde* e *quando* nós vivemos. Em que vale mais a pena viver hoje do que no Egito antigo? Nós seríamos perfeitos idiotas se lamentássemos a vida daqueles que viveram em outras épocas, ignorando o cristianismo ou as invenções e descobertas da ciência. Como não saberíamos hierarquizar as concepções de vida, todo mundo tem razão - e ninguém a tem. Cada época constitui um mundo em si, fechado em suas certezas até que o dinamismo da vida e a dialética da história conduzam a novas fórmulas tão limitadas e insuficientes quanto as anteriores. Pergunto-me como é que certas pessoas podem ocupar-se exclusivamente do passado, de tanto que a história me parece nula em sua integralidade. Que interesse pode ter o estudo dos ideais e das crenças de nossos predecessores? Por mais que as criações humanas tenham sido magníficas - desinteresse-me delas completamente. A contemplação da eternidade não me concede, na verdade, um apaziguamento muito maior? Não *homem/história*, mas *homem/eternidade* - eis uma relação aceitável num mundo que não vale nem mesmo a pena que nele respiremos. Ninguém nega a história por simples capricho; se o fazemos, é sob a pressão de imensas tragédias, das quais poucos suspeitam a existência. Imaginemos que você tenha pensado a história abstratamente antes de negá-la pela razão - neste caso, sua negação resultaria, na realidade, de um profundo abatimento. Quando nego o passado da humanidade em sua totalidade; quando me recuso a participar da vida histórica, sou tomado por uma amargura mortal, mais dolorosa do que

se poderia imaginar. Estes pensamentos vêm, acaso, renovar e intensificar uma tristeza latente? Sinto em mim um sabor amargo de morte e de vazio, que me queima como um violento veneno. Fico triste a ponto de que tudo "aqui embaixo" me pareça totalmente despido de charme. Como eu ainda poderia falar de beleza e envolver-me com a estética, se estou triste de morte?

Eu não quero mais saber de nada. Ultrapassando a história, adquire-se uma espécie de subconsciência capital para a experiência da eternidade. Ela nos leva, na verdade, em direção a uma região em que as antinomias, as contradições e as incertezas deste mundo perdem seu sentido - em que se esquece da existência e da morte. É o medo da morte que anima os amadores da eternidade: a experiência desta tem, na verdade, como única vantagem real o fato de nos fazer esquecer a morte. Mas o que é que há quando a contemplação acaba?

Não mais ser homem

Estou a cada vez mais certo de que o homem é um animal infeliz, abandonado no mundo, condenado a buscar uma modalidade própria de vida, tal qual a natureza jamais conheceu. Sua pretensa liberdade faz com que ele sofra mais do que qualquer outra forma de vida cativa da natureza. Nada surpreendente, por consequência, que o homem chegue a sentir inveja, às vezes, de uma planta ou uma flor. Para querer viver como um vegetal, crescer enraizado, desabrochando e depois fenecendo sob o sol na mais perfeita inconsciência, querer participar da fecundidade da terra, ser uma expressão anônima do curso da vida, deve-se estar desesperado com o sentido da humanidade. Por que eu não trocaria minha existência pela de um vegetal? Sei o que significa ser homem, ter ideais e viver na história - o quê tenho a esperar destas realidades? Ser homem, eis uma coisa seguramente capital! uma coisa trágica, pois o homem vive numa ordem da existência radicalmente nova, muito mais complexa, e dramática, do que a da natureza. À medida que se distancia da condição de homem, a existência perde sua intensidade dramática. O homem tende constantemente a assumir o monopólio do drama e do sofrimento; por isto a salvação representa para ele um problema tão ardente e insolúvel. Não posso experimentar o orgulho de ser homem, pois vivi este fenômeno até as últimas raízes. Somente aqueles que não o viveram intensamente podem experimentá-lo, pois eles ainda apenas *tendem* a tornar-se homens. Seu encantamento é absolutamente natural: compreende-se bem o fato de que aqueles que mal passaram do estágio animal ou vegetal aspirem à condição humana. Mas todos os que sabem o que esta condição significa procuram tornar-se qualquer outra coisa que não seja humana. Se eu pudesse, tomaria a cada dia uma forma diferente de vida animal ou vegetal - eu seria sucessivamente todas as espécies de flores: rosa, espinaheiro, erva daninha, árvore tropical de galhos torcidos, alga marinha balançada pelas ondas, ou vegetação das

montanhas à mercê dos ventos; ou então, seria pássaro de melodioso canto, ou ainda, predador de grito estridente, migratório ou sedentário, animal silvestre ou doméstico. Eu adoraria viver todas essas variedades num frenesi selvagem e inconsciente, percorrer toda a esfera da natureza, transformar-me com graça inocente, sem pose, à imagem de um processo natural. Como, então, ousaria aventurar-me em ninhos e grutas, desertos montanhosos e marinhos, colinas e planícies! Somente esta fuga cósmica, vivida segundo o arabesco das formas vitais e o pitoresco das plantas, saberia acordar em mim a vontade de me tornar de novo humano. Pois se a diferença do animal para o homem consiste em que o primeiro não poderia ser nada além de animal, enquanto o homem pode ser não-homem, ou seja, outra coisa diferente dele mesmo - bem, eu sou um não-homem.

Magia e fatalidade

É penoso para mim imaginar a alegria daqueles que são dotados de uma sensibilidade mágica - esses indivíduos que sentem tudo em seu poder, para quem nenhuma resistência é irreduzível nem qualquer obstáculo insuperável. A magia supõe uma comunhão tão estreita com a existência que toda manifestação subjetiva compara-se a uma pulsação da vida. Ela tem a plenitude de uma integração com o fluxo vital. A sensibilidade mágica somente pode conduzir para a alegria, pois o fatal não entra na estrutura interna da existência. Sentir-se capaz de tudo, segurar o absoluto em mãos, ver sua própria exuberância confundir-se com a do mundo, sentir palpitar em si freneticamente o ritmo universal, num todo que é uno, apenas conceber a existência na medida em que ela estimula, ver o sentido deste mundo renovar-se a cada instante sob sua mais perfeita expressão - em tudo isto cumpre-se uma forma de alegria dificilmente imaginável, que somente os seres dotados de uma sensibilidade mágica podem manter. As doenças não existem para a magia - ou então são tidas como curáveis, jamais invencíveis. O otimismo mágico considera tudo sob o ângulo da equivalência: assim, torna-se ilusório tentar individualizar a doença para aplicar-lhe um tratamento específico. A magia contesta e refuta todo o negativo, tudo aquilo que é de essência demoníaca na dialética da vida. Quem goza deste tipo de sensibilidade não entende nada sobre as realizações dolorosas, a miséria, o destino e a morte. As ilusões da magia negam o *irreparável* do mundo, elas rejeitam a morte como realidade fatal e universal. Subjetivamente, este fenômeno mergulha o homem num estado de beatitude e de exaltação eufórica: pois ele vive desde então como se não fosse morrer. Ou ainda, todo o problema da morte não passa de um tópico da consciência: desta forma, entrar no vazio não tem a menor importância. Entretanto, somente se atinge o paroxismo da consciência pelo sentimento constante da morte.

Infinitamente complexos são aqueles que têm a consciência da fatalidade, aqueles por quem existe o insolúvel e o irreparável, e que compreendem que o irremediável representa um aspecto essencial do mundo. Pois todas as realidades capitais posicionam-se sob o signo da fatalidade, que vem da incapacidade da vida ultrapassar suas condições e limites imanentes. A magia é, certamente, útil para as coisas de pouca importância, não essenciais; mas sem valor frente às realidades de ordem metafísica, que reivindicam, mais frequentemente, o silêncio - silêncio que a sensibilidade mágica é incapaz de conceder. Viver na consciência aguda da fatalidade, de sua própria impotência frente aos grandes problemas que somente podem ser colocados implicando-se tragicamente, isto é afrontar de maneira direta a interrogação capital que se elabora diante do mundo.

A alegria inconcebível

Vocês pretendem que o desespero e a agonia são sejam mais do que preliminares, que o ideal consiste em excedê-los, que viver por muito tempo sob o seu domínio nos torna autômatos. Fazem da alegria a única salvação e menosprezam todo o resto. Qualificam de egoísmo a obsessão da agonia, e não encontram generosidade além da alegria. E vocês nos oferecem tal alegria; mas como querem que nós a aceitemos de fora? Pois enquanto ela não surgir de nós mesmos, enquanto ela não brotar de nossos recursos e de nosso próprio ritmo, as intervenções exteriores não servem para nada. É muito fácil recomendar a alegria àqueles que não podem se alegrar! E como alegrar-se, enquanto dia e noite a obsessão da loucura nos tortura? Se dão conta, aqueles que propõem a alegria a cada passo, do que querem dizer o temor de um colapso iminente, o suplício constante deste terrível pressentimento? Junta-se a isto a consciência da morte, ainda mais persistente que a da loucura. Gostaria que a alegria fosse um estado paradisíaco, mas somente se tem acesso a ela por meio de uma evolução natural. Pode ser que nós superemos um dia esta obsessão dos instantes de agonia, para penetrar num paraíso de serenidade. - As portas do Éden estarão, com efeito, fechadas para sempre frente a mim? Até o presente, não encontrei a chave.

Como não podemos alegrar-nos, não nos resta nada além do caminho dos sofrimentos, aquele de uma exaltação louca e sem limites. Conduzamos então a experiência dos instantes de agonia até sua derradeira expressão; vivamos o paroxismo de nosso drama interior! Então só subsistirá uma tensão suprema, desaparecendo, por sua vez, para deixar atrás de si um rastro de fumaça... Pois nosso fogo interior terá chegado a tudo consumir. A alegria não precisa de justificativa - ela representa um estado puro e generoso demais para que façamos seu elogio. Impossível aos desesperados

orgânicos, a alegria exerce sobre os desesperados ocasionais uma atração suficiente para dispensar justificativa. A complexidade do desespero absoluto excede infinitamente a da alegria absoluta. Seria por isto que as portas do paraíso são estreitas demais para aqueles que perderam a esperança?

Ambiguidade do sofrimento

Não há ninguém que, após ter triunfado sobre a dor ou sobre a doença, não experimente, no fundo da alma, um remorso - não importa o quão vago ou pálido. Ainda que desejosos de se restabelecer, aqueles que sofrem longa e intensamente sentem-se sempre levados a encarar sua cura como uma perda. Quando a dor torna-se parte integral do ser, deixá-la para trás suscita necessariamente o pesar, como por algo desaparecido. O que tenho de melhor em mim, sendo tudo o que perdi, devo ao sofrimento. Assim sendo, não se pode amá-lo ou condená-lo. Tenho por ele um sentimento particular, difícil de definir, mas que tem o charme e os atrativos de uma luz crepuscular. A beatitude no sofrimento não passa de ilusão, pois ela exigiria de se reconciliar com a fatalidade da dor, para evitar a destruição. Nesta beatitude ilusória jazem os últimos recursos da vida. A única concessão que se pode fazer ao sofrimento vem do remorso com a cura, mas, vago e difuso demais, este não pode cristalizar-se na consciência. Toda dor que se apaga provoca um sentimento de perturbação, como se o retorno ao equilíbrio impedisse para sempre o acesso às regiões torturantes e enfeitiçadas, das quais não se pode partir sem um olhar para trás. O sofrimento não tendo nos revelado a beleza, nenhuma outra luz pode mais nos seduzir. Somos ainda atraídos pelas trevas do sofrimento?

Pó, eis tudo

Vejo tantas razões para recusar um sentido à vida, que seria vão enumerá-las: o desespero, o infinito e a morte são apenas as mais evidentes. Mas muitos razões íntimas nos levam a negar, tanto quanto as anteriores, todo o sentido da vida... Face à existência, o verdadeiro e o falso não contam mais, mas somente nossa reação pessoal. Subjetivismo, *será dito*. Que importa? A experiência subjetiva não nos eleva ao plano da universalidade, como o instante ao plano da eternidade? Os homens experimentam tão pouco a solidão! Tudo aquilo que tem origem nela é prontamente decretado estéril: os homens não se ligam a nada mais do que aos valores sociais, afetados como o são pela ilusão de terem colaborado com eles. Cada um quer *fazer* alguma coisa e sobreviver em suas realizações. Como se elas não fossem também ser reduzidas ao pó!

Estou descontente de tudo. Mesmo se fosse eleito Deus, apresentaria dentro em logo minha demissão; se o mundo se reduzisse em mim, se o mundo inteiro fosse eu, quebrar-me-ia em mil pedaços e voaria em cacos. Como posso ainda conhecer momentos em que eu tenha a impressão de tudo compreender?

O entusiasmo como forma de amor

Existem indivíduos junto aos quais a vida se reveste em formas de pureza e limpidez dificilmente imagináveis por aqueles que são presas das contradições e do caos. Passar por conflitos interiores, consumir-se num drama íntimo, sofrer um destino colocado sob o signo do irremediável: eis uma vida da qual toda a claridade é expulsa. Aqueles cuja existência desenvolve-se sem solavancos nem obstáculos alcançam um estado de paz e contentamento, em que o mundo aparece luminoso e cativante. Não é o entusiasmo este estado que inunda um mundo de brilho feito de alegrias e atrativos? O entusiasmo permite a descoberta de uma forma particular do amor e revela uma maneira nova de se abandonar ao mundo. O amor tem tantas feições, tantos desvios, tantos aspectos que é difícil isolar seu cerne ou sua forma essencial. É central, para todo erotismo, identificar a manifestação original do amor, a maneira primordial através da qual ele se realiza. Fala-se de amor entre os sexos, de amor à divindade, pela arte ou pela natureza; fala-se também do entusiasmo como forma de amor, etc. Qual é a manifestação característica da qual todas as outras dependem, e digo mais, derivam? Os teólogos sustentam que sua forma primordial é o *amor Dei*: os outros não seriam mais do que pálidos reflexos. Certos panteístas com tendências estetizantes optam pela natureza, e os estetas puros, pela arte. Para os adeptos da biologia, é a própria sexualidade, sem afetividade; para certos metafísicos, enfim, o sentimento de identidade universal. Apesar do exposto, ninguém provará que a forma de amor por ele defendida é verdadeiramente constitutiva do homem, pois, na escala da história, esta forma terá variado tanto que ninguém mais saberá determinar o seu caráter específico. Penso, quanto a mim, que sua forma essencial é o amor entre o homem e a mulher, que, longe de se reduzir à sexualidade pura, implica todo um conjunto de estados afetivos, cuja riqueza se deixa facilmente compreender. Quem já suicidou por Deus, pela natureza ou pela

arte? - realidades abstratas demais para que sejam amadas com intensidade. O amor é tanto mais intenso quanto mais é ligado ao individual, ao concreto, ao único; ama-se uma mulher devido àquilo que a diferencia no mundo, devido à sua singularidade: nos instantes de amor extremo, nada poderia substituí-la. Todas as outras formas de amor, ainda que elas tendam a se tornar autônomas, participam deste amor central. Considera-se o entusiasmo independente da esfera de Eros, mas suas raízes mergulham na própria substância do amor, apesar de seu poder de libertação. Toda natureza entusiasta cobre uma receptividade cósmica, universal, uma capacidade de tudo assimilar, de se orientar em todas as direções, e de se engajar em tudo com uma vitalidade transbordante, pelo único desejo de realização e paixão de agir. O entusiasta não conhece nem critérios, nem perspectivas, ou cálculo, mas somente o abandono, o suplício e a abnegação. A alegria da realização, a embriaguez da eficácia são o que há de essencial neste tipo humano, para quem a vida é um élan que leva a uma altitude em que as forças de destruição perdem todo o seu vigor. Todos nós temos momentos de entusiasmo, mas raros demais para nos definir. Eu falo aqui de um entusiasmo à toda prova: que não conhece derrotas, pois não faz caso do objeto, mas goza da iniciativa e da atividade como tal; quem se lança numa ação, não por ter meditado seu sentido ou utilidade, mas porque não pode fazer de outro jeito. Sem ser a eles totalmente indiferente, o sucesso ou a falha jamais estimulam ou desencorajam o entusiasmo: ele será a última pessoa a acreditar na falha. A vida é muito menos medíocre e fragmentária na sua essência do que se pensa: não é por esta razão que nós somente nos rebaixamos, perdemos a vivacidade de nossos impulsos e nos impomos formas, nos esclerosando às custas da produtividade e do dinamismo interior? A perda da fluidez vital destrói nossa receptividade e nossa capacidade de esposar generosamente a vida. Somente o entusiasta permanece vivo até a velhice: os outros, se já não veem ao mundo natimortos - como a maior parte dos homens -, morrem prematuramente. Quão raros, os verdadeiros entusiastas! Poderíamos imaginar um mundo em que todos fossem apaixonados por tudo? Seria mais sedutor que a própria imagem do paraíso, pois o excesso de sublime e generosidade ultrapassaria qualquer visão do Éden. A capacidade do entusiasta de renascer constantemente coloca-o para além das tentações demoníacas, do mundo do vazio e do suplício da agonia. Sua vida ignora o trágico, pois o entusiasmo constitui a única forma de existência que é inteiramente opaca ao sentimento da morte. Mesmo na graça - esta forma tão próxima do entusiasmo - o desconhecimento, a indiferença orgânica e a ignorância

irracional da morte têm menos força. Entra, na graça, muito charme melancólico - charme que o entusiasmo de todo ignora. Minha admiração sem limites pelos entusiastas vem de minha impotência em compreender sua existência num mundo em que a morte, o vazio, a tristeza e o desespero compõem um sinistro cortejo. Que existam pessoas inaptas ao desespero - eis o que perturba e impressiona. Como se faz que o entusiasta seja indiferente ao objeto? Como ele pode ser animado somente pela plenitude e pelo excesso? E qual é esta estranha e paradoxal realização através da qual o amor chega ao entusiasmo? Pois quanto mais o amor tem de intensidade, mais ele é individualizado. Aqueles que amam de uma grande paixão não saberiam amar várias mulheres de uma só vez: quanto mais a paixão tem força, tanto mais seu objeto se impõe. Tentemos então imaginar uma paixão desprovida de objeto; figuremo-nos um homem sem uma mulher em que concentrar seu amor: o que restaria, senão uma plenitude de amor? Não existem homens devotados a grandes potencialidades amorosas, mas que jamais amaram deste amor primordial, original? O entusiasmo: um amor sem objeto individualizado. No lugar de se orientar por um outro, as virtualidades amorosas derramam-se em manifestações generosas, numa forma de receptividade universal.

O entusiasmo é, com efeito, um produto superior do Eros, em que o amor não se desperdiça no culto recíproco dos sexos, mas faz do entusiasta um ser desinteressado, puro e inacessível. De todas as formas do amor, o entusiasmo é a mais isenta de sexualidade, mais ainda que o amor místico, o qual não pode se livrar do simbolismo sexual. O entusiasmo também protege da inquietude e da confusão que fazem da sexualidade uma característica do elemento trágico do homem. O entusiasta é uma pessoa eminentemente não problemática. Ele pode compreender bastantes coisas, mas não as incertezas dolorosas nem a sensibilidade caótica do espírito torturado. Os espíritos problemáticos não podem resolver nada, pois não amam nada. Procuremos, neles, esta capacidade de abandono, este paradoxo do amor como estado puro, esta renovação permanente e total que se abre a tudo a cada instante, esta irracionalidade inocente. O mito bíblico do pecado do conhecimento é o mais profundo que a humanidade jamais imaginou. A euforia dos entusiastas mantém-se, precisamente, no fato de que eles ignoram a tragédia do conhecimento. Por que não dizê-lo? O conhecimento confunde-se com as trevas. Eu renunciaria de bom grado a todos os problemas insolúveis em troca de uma doce e inconsciente inocência. O espírito não eleva: *ele aniquila*. No entusiasmo - assim como na graça ou na

magia - o espírito não se opõe antinomicamente à vida. O segredo da felicidade reside nesta indivisão inicial, que mantém uma unidade inatacável, uma convergência orgânica. O entusiasta ignora a dualidade - este veneno. Ordinariamente, a vida somente permanece fecunda pelo preço de tensões e antinomias, de tudo o que vem do combate. O entusiasmo excede este combate, no que diz respeito a ele mesmo, por meio de um salto isento do elemento trágico e de um amor isento de sexualidade.

Luz e trevas

A nulidade das interpretações filosóficas e históricas em matéria de religião aparece em sua total incompreensão do que significa o dualismo da luz e das trevas nas religiões orientais e na mística em geral. A alternância regular do dia e da noite - aquele, princípio da vida; esta, princípio de mistério e morte - teria inspirado a tradução da luz e das trevas em princípios metafísicos. Nada mais evidente numa primeira abordagem... Para quem pesquisa determinantes profundos, entretanto, estas interpretações revelam-se insuficientes. A questão da luz e das trevas está, na verdade, ligada à dos estados extáticos. Este dualismo apenas tem valor explicativo para aquele que conheceu a obsessão e o cativo, submetidos, simultânea ou sucessivamente, às forças da luz e das trevas. Os estados extáticos fazem dançar na obscuridade, de maneira insólita, as sombras junto às faíscas; eles misturam, numa visão dramática, lampejos a sombras fugitivas e misteriosas, fazendo as nuances da luz degradarem até as trevas. Não é, entretanto, este processo que impressiona, mas o fato de sermos perseguidos, invadidos e dominados. Atingimos o pico do êxtase numa sensação final, quando acreditaríamos morrer de luz e de trevas. Estranhamente, a visão extática faz desaparecer todos os objetos circundantes, todas as formas correntes de individualização; sobra somente, então, uma projeção de sombras e de luzes. É difícil explicar como é que esta seleção e purificação se cumprem, ou como são compatíveis seu poder de fascinação e sua imaterialidade. A exaltação extática comporta um elemento demoníaco. E quando não sobra mais do que luz e trevas do êxtase deste mundo, como evitar atribuir-lhe um caráter absoluto? A frequência dos estados extáticos no Oriente, e a mística de todos os tempos, têm uma natureza que demonstra nossa hipótese. Ninguém saberia encontrar o absoluto fora de si mesmo; ou ainda, o êxtase, este paroxismo da interioridade, não revela mais do que fagulhas e sombras internas. Em

comparação, o dia e a noite são muito pálidos. Os estados extáticos tomam um aspecto tão essencial que fazem surgir, assim que tocam as regiões profundas da existência, uma cegante alucinação metafísica. O êxtase afeta somente as essências puras e, desta feita, imateriais. Mas sua imaterialidade produz vertigens e obsessões às quais somente escaparemos convertendo-as em princípios metafísicos.

A renúncia

Assim, tendo conhecido a velhice, a dor e a morte, concluímos que o prazer é uma ilusão, que todos os que gozam, presas desta ilusão - a maior de todas -, não compreendem nada sobre a instabilidade das coisas. Então fugimos do mundo, persuadidos do caráter efêmero da beleza e de todos os charmes deste mundo. *Jamais retornarei, nós dissemos, antes de que tenha escapado do nascimento, da velhice e da morte.*

Existe muito orgulho e sofrimento nesta renúncia. Ao invés de nos retirarmos discretamente, sem ódio nem revolta, denunciemos a ignorância e as fraquezas dos outros; condenamos o prazer e as volúpias com que os homens se deleitam. Aqueles que renunciaram ao mundo para se consagrar à ascese agiram de tal forma, convencidos de terem ultrapassado as misérias humanas. O sentimento de alcançar uma eternidade subjetiva lhes deu a ilusão de uma entrega total. Entretanto, a impotência de realmente se liberarem é demonstrada na sua condenação do prazer e no seu desprezo por aqueles que vivem por viver. Ainda que eu devesse me retirar no mais apavorante dos desertos, renunciar a tudo para nada mais conhecer além da solidão total, jamais ousaria desprezar o prazer e seus adeptos. Uma vez que a renúncia e a solidão não podem me valer a eternidade, uma vez que sou destinado a morrer como todos os outros, por que sustentaria meu próprio caminho como o único verdadeiro? Os profetas não são desprovidos de toda compreensão, de toda descrição? Eu percebo a dor, a velhice e a morte, e me dou conta de que não saberíamos vencê-las. Mas por que com elas atrapalharia o prazer do outro? Na certa, somente a renúncia pode tentar aquele que foi confrontado por tais realidades e que as vive persuadido de sua perenidade. O sofrimento conduz, certamente, à renúncia; entretanto, eu jamais condenaria a alegria de um outro, ainda que a lepra me devorasse. A condenação sempre contém uma boa parcela de inveja. O budismo e o

cristianismo não passam de vingança e de ciúme no que concerne aos sofredores. *À agonia, eu o sinto, poderia fazer apenas a apologia da orgia.* Não recomendo a renúncia a ninguém, pois raros demais são aqueles que conseguem, uma vez no deserto, vencer a obsessão do efêmero. Lá, como no mundo, a precariedade das coisas mantém o mesmo doloroso atrativo. Saibamos bem que as ilusões dos grandes solitários foram ainda mais irreais do que as dos inocentes e ignorantes.

A ideia de renúncia é tão amarga que nos surpreende o fato de que o homem possa tê-la concebido. Quem nunca sentiu, numa crise de desespero, um arrepio percorrer-lhe o corpo, uma sensação inelutável de abandono, de morte cósmica e de nada, de vazio subjetivo e de inexplicável inquietude, este ignora as terríveis preliminares da renúncia.

Mas como renunciar? Onde ir para não abandonar Tudo de uma só vez (ainda que esta seja a única renúncia verdadeira)? Não podemos mais encontrar deserto exterior; falta-nos a decoração (aparência) da renúncia. Incapazes de viver livres sob o sol sem outro pensamento que não seja o da eternidade..., como poderíamos nos tornar santos ao abrigo? É um drama eminentemente moderno não poder renunciar de outra forma que não pelo suicídio. Mas, se nosso deserto interior pudesse materializar-se, sua imensidade não nos oprimiria?

Por que não explodir? Não existe em mim energia o suficiente para fazer tremer o universo? Loucura o bastante para aniquilar toda a clareza? Minha única alegria não é a do caos, e meu prazer o élan que me abate? Minhas ascensões não são minhas quedas, minha explosão não é minha paixão? Não posso amar sem me autodestruir? Estaria hermeticamente fechado aos estados puros? Meu amor comportaria tanto veneno?

Devo abandonar-me completamente a todos os estados e não mais analisá-los para vivê-los no mais completo excesso.

Não combati a morte o bastante? Devo, ainda, ter Eros como inimigo? Por que, então, tenho tanto medo quando o amor renasce em mim?, por que tenho vontade de engolir o mundo a fim de impedir o crescimento deste amor? Minha miséria: quero ser enganado em amor para ter novas razões de

sofrer. Pois somente o amor nos revela nosso declínio. Aquele que encarou a morte pode ainda amar? Pode ainda morrer de amor?

Os benefícios da insônia

Ainda que o êxtase nos purgue do individual e do contingente, poupando apenas a luz e as trevas, as noites de insônia destroem a multiplicidade e a diversidade do mundo para nos deixar às nossas obsessões. Como é estranho o encantamento nestas melodias que brotam de nós mesmos durante as noites em claro! O ritmo e a evolução sinuosa de um canto interior emparam-se de nós, num feitiço que não pode se juntar ao êxtase, pois entra muito remorso em sua inundação melancólica. Remorso de quê? Difícil dizer, pois as insônias são complicadas demais para que se dê conta daquilo que se perdeu. Isto vem talvez do fato de que a perda seja infinita... Durante as vigílias, a presença de um pensamento ou de um sentimento impõe-se de maneira exclusiva. Tudo se cumpre num registro melódico. O ser amado imaterializa-se - é sonho ou realidade? O que esta conversão melódica empresta à realidade suscita na alma uma perturbação que - não intensa o bastante para conduzir a uma ansiedade universal - mantém a impressão da música. A própria morte, sem deixar de ser hedionda, surge nesta imensidade noturna, cuja transparência evanescente, ainda que ilusória, não é menos musical. Enquanto isto, a tristeza desta noite universal evoca em todos os pontos a tristeza da música oriental, em que o mistério da morte predomina em detrimento ao do amor.

Transubstanciação do amor

O irracional tem um papel imprescindível no nascimento do amor, bem como na *sensação* do amor - a impressão de se fundir, de se dissolver. O amor é uma forma de comunhão e de intimidade: o que poderia melhor exprimi-lo do que o fenômeno subjetivo da dissolução, do colapso de todas as barreiras da individualização? Afinal, o amor não é, junta e paradoxalmente, o universal e o singular por excelência? A verdadeira comunhão apenas pode realizar-se por meio do individual. Eu amo um ser, mas como ele é o símbolo do todo, participo da essência do todo, inocente e inconscientemente. Esta participação universal supõe a especificação do objeto, o individual abre-se ao universal. A difusão e a exaltação do amor surgem de um pressentimento, da presença irracional na alma do amor, que alcança então o seu paroxismo. O verdadeiro amor é um pico do qual a sexualidade em nada participa.

A sexualidade não atinge também os seus cumes? Não procura um paroxismo único? Este curioso fenômeno que é o amor, apesar disso, expulsa a sexualidade do centro da consciência -tanto que se concebe amor sem sexualidade. O ser amado cresce em nós, purificado e perseguido, com uma auréola de transcendência e de intimidade, que torna a sexualidade marginal, senão de fato, ao menos subjetivamente. Entre os sexos, não há amor espiritual, mas uma transfiguração carnal em que a pessoa amada identifica-se tanto conosco que nos dá a impressão de espiritualidade. Somente então surge a sensação de dissolução, em que a carne sofre um estremecimento total e cessa de ser resistência e obstáculo para queimar de um fogo interior, para se fundir e se perder.

O homem, animal insone

Alguém disse que o sono equivale à esperança: admirável intuição da importância assustadora do sono - tanto quanto da insônia. Esta representa uma realidade tão colossal que me pergunto se o homem não seria um animal inapto ao sono. Por que chamá-lo animal razoável quando se pode encontrar em algumas feras tanta razão quanto se queira? Por outro lado, não existe em todo o reino animal, outra fera que *queira* dormir sem poder-lo. O sono faz esquecer o drama da vida, suas complicações, suas obsessões; cada despertar é um recomeço e uma nova esperança. A vida conserva assim uma agradável descontinuidade, que dá a impressão de uma regeneração permanente. As insônias engendram, ao contrário, o sentimento da agonia, uma tristeza incurável, o desespero. Para o homem com saúde plena - a saber, o animal - é fútil interrogar-se sobre a insônia: ele ignora a existência de indivíduos que dariam tudo pela sonolência; assombrados da cama que sacrificariam um reino para reencontrar a inconsciência que a terrível lucidez das noites em claro lhes tomou. A ligação é indissolúvel entre a insônia e o desespero. Creio que a perda total da esperança não pode ser concebida sem o concurso da insônia. O paraíso e o inferno não apresentam outra diferença que esta: pode-se dormir, no paraíso, o quanto se quiser; no inferno, não se dorme jamais. Deus não pune o homem removendo-lhe o sono para lhe dar o conhecimento? O mais terrível castigo não é ter o sono proibido? Impossível amar a vida quando não se pode dormir. Os loucos sofrem frequentemente de insônias - daí suas apavorantes depressões, seu desgosto com a vida e sua propensão ao suicídio. Ainda, esta sensação de afundar-se, como um mergulhador do nada, nas profundezas - sensação própria às vigílias alucinadas - não revela uma forma de loucura? Aqueles que se suicidam jogando-se na água, ou precipitando-se no vazio, agem sob um impulso cego, loucamente atraídos pelo abismo. Os que nunca sofreram tais vertigens não poderiam

compreender o irresistível fascínio pelo nada que move alguns à renúncia suprema.

Há em mim mais confusão e caos do que a alma humana deveria suportar. Vocês encontrarão em mim tudo o que quiserem. Eu sou um fóssil das fundações do mundo, no qual os elementos não se cristalizaram, no qual o caos inicial entrega-se ainda à sua louca efervescência. Eu sou a contradição absoluta, o paroxismo das antinomias e o limite das tensões; em mim tudo é possível, pois sou o homem que rirá no momento supremo, na agonia final, na hora da última tristeza.

O absoluto no instante

Somente pode-se anular o tempo vivendo o instante integralmente, abandonando-se aos seus charmes. Alcança-se assim o *eterno presente*: o sentimento da presença eterna das coisas. O tempo, o devir - tudo isto, a partir de então, torna-se indiferente. O eterno presente é *existência*, pois somente nesta experiência radical, a vida adquire evidência e positividade. Preso à sucessão dos instantes, o presente é produção do ser, ultrapassagem do nada. Felizes aqueles que podem viver no instante, provar o presente sem faltas, preocupados somente com a beatitude do momento e com o êxtase que oferece a presença integral das coisas... Ainda, o amor não atinge o absoluto do instante? Não ultrapassa a temporalidade? Aqueles que não amam num abandono espontâneo são freados pela sua tristeza e angústia, mas também por sua incapacidade de superar a temporalidade. Não é hora de declarar guerra ao tempo, nosso maior inimigo?

A verdade, que palavra!

A maior estupidez que o espírito humano já pôde conceber é a ideia da libertação por meio da supressão do desejo. Por que dificultar a vida, por que destruí-la em prol de um ganho tão estéril quanto a indiferença total, junto a uma liberação ilusória? Como ousaríamos falar ainda da vida quando a esvaziamos completamente em nós mesmos? Eu tenho mais estima pelo indivíduo de desejos contrariados, infeliz no amor e desesperado, do que pelo sábio impassível e orgulhoso. Todos deveriam desvanecer para que a vida continue tal como é.

Odeio a sabedoria desses homens não afetados pelas verdades, que não sofrem nos nervos, na carne e no sangue. Eu amo apenas as verdades vitais, as verdades orgânicas provenientes de nossa inquietude. Todos aqueles que pensam de maneira viva têm razão, pois jamais se encontrará um argumento decisivo contra eles. E mesmo que algum se apresentasse, eles não resistiriam à vida. Que algumas pessoas ainda teimem em buscar *a* verdade - eu, disto, somente me surpreendo. Não se compreendeu, então, que ela não existe?

A beleza das chamas

O charme das chamas subjuga por meio de um estranho jogo, para além da harmonia, das proporções e das medidas. Seu impalpável élan, acaso, não simboliza a tragédia e a graça, o desespero e a inocência, a tristeza e a volúpia? Não se reencontra, em sua devorante transparência e sua ardente imaterialidade, a projeção e a leveza das grandes purificações e dos incêndios interiores? Eu adoraria ser inundado pela transcendência das chamas, ser abalado por seu sopro delicado e insinuante, flutuar num mar puro e sublime, que me remetesse a uma aurora. Imaterial, a morte nas chamas evoca asas incandescentes. Somente as borboletas morrem assim? - Mas e aqueles que morrem de suas próprias chamas?

Pobreza da sabedoria

Odeio os sábios por sua complacência, sua covardia e sua reserva. Amo infinitamente mais as paixões devorantes do que o humor equilibrado, que torna um homem insensível tanto ao prazer quanto à dor. O sábio ignora o trágico da paixão e do medo da morte, assim como desconhece o élan e o risco, o heroísmo bárbaro, grotesco ou sublime. Ele expressa-se por meio de máximas e dá conselhos. O sábio nada vive, nada sente, nem deseja ou espera. Ele regozija-se em nivelar diversos conteúdos da vida e a assumir-lhes as consequências. Muito mais complexos parecem-me aqueles que, apesar deste nivelamento, não param de se atormentar. A existência do sábio é vazia e estéril, pois desprovida de antinomias e desespero. As existências devoradas pelas contradições intransponíveis são infinitamente mais fecundas. A resignação do sábio vem do vazio, e não do fogo interior. Eu preferiria mil vezes morrer deste fogo do que do vazio e da resignação.

O retorno ao caos

Marcha à ré rumo ao caos inicial, retorno à confusão primordial, ao redemoinho original! Lancemo-nos rumo ao turbilhão anterior à aparição das formas. Que nossos sentidos palpitem neste esforço, nesta demência, nestes surtos e abismos! Que desapareça tudo o que é, a fim de que, nesta confusão e neste desequilíbrio, acessemos plenamente à vertigem total, retornando dos cosmos ao caos, da natureza à indivisão original, da forma ao turbilhão. A desintegração do mundo segue um processo contrário ao da evolução: um apocalipse inverso, mas brotando das mesmas aspirações. Ninguém deseja o retorno ao caos, a menos que já tenha sido plenamente submetido às vertigens do apocalipse.

Quão grandes são meu terror e minha alegria quando penso em ser arrebatado pelo tumulto do caos inicial, por sua confusão e sua geometria paradoxal - a única geometria caótica, sem excelência de forma nem de sentido.

A vertigem, enquanto isto, aspira à forma, e o caos mantém suas virtualidades cósmicas. Eu adoraria viver neste começo de mundo, no vórtex demoníaco das turbulências primordiais. Que nada do que, em mim, é veleidade da forma se realize; que tudo vibre de um estremecimento primitivo, como um despertar do vazio.

Eu posso viver apenas num começo ou num fim de mundo.

Ironia e auto-ironia

Quando já negamos tudo num insano frenesi e liquidamos radicalmente todas as formas de existência, quando um excesso de negatividade acaba por levar tudo de nós, a quem poderíamos ainda nos segurar, senão a nós mesmos? De quem rir ou de quem reclamar? Quando o mundo inteiro fundiu-se sob nossos olhos, nós mesmos nos fundimos irremediavelmente. O infinito da ironia anula todos os conteúdos da vida. Não a ironia elegante, inteligente e sutil, proveniente de um sentimento de superioridade, ou de orgulho fácil - esta ironia pela qual algumas pessoas manifestam ostensivamente sua distância em relação ao mundo -, mas a ironia trágica e amarga do desespero. Pois a única ironia digna deste nome é aquela que substitui uma lágrima ou um espasmo, quiçá uma zombaria grotesca e criminosa. A ironia daqueles que sofreram não tem nada em comum com a ironia fácil dos diletantes. A primeira revela uma impotência em participar inocentemente da existência, devido a uma perda definitiva dos valores vitais; os diletantes, por outro lado, não sofrem desta impossibilidade, pois eles ignoram o sentimento de uma tal perda. A ironia reflete uma crispação anterior, uma falta de amor, uma ausência de comunhão e de compreensão humanas; ela equivale a um desprezo disfarçado. A ironia desdenha o gesto inocente e espontâneo, pois ela se coloca para além da inocência e da irracionalidade. Ela contém, apesar disso, uma forte dose de ciúme em relação aos inocentes. Incapaz de manifestar sua admiração pela simplicidade em razão de seu orgulho desmesurado, a ironia menospreza, inveja e envenena. Também a ironia amarga e trágica da agonia me parece muito mais autêntica do que a ironia cética. É significativo o fato de que ser irônico consigo mesmo apresenta sempre a forma trágica da ironia. Não poderíamos alcançá-la por meio dos sorrisos: somente por suspiros, inteiramente sufocados. A auto-ironia é, com efeito, uma expressão do desespero: tendo perdido este mundo, nós mesmos nos perdemos. Uma

explosão sinistra de risos acompanha, então, cada um dos nossos gestos; sobre as ruínas dos sorrisos doces e acariciantes da inocência, eleva-se o sorriso da agonia, mais crispado do que o das máscaras primitivas e mais solene do que o das figuras egípcias.

Sobre a miséria

Convencido de que a miséria está intimamente ligada à existência, não posso aderir a nenhuma doutrina humanitária. Elas me parecem, em sua totalidade, igualmente ilusórias e quiméricas. O próprio silêncio me parece um grito. Os animais - que vivem de seus próprios esforços - não conhecem a miséria, pois eles ignoram a hierarquia e a exploração. Este fenômeno somente aparece junto ao homem, o único que submeteu o seu igual; e somente o homem é capaz de tanto *desprezo por si*.

Toda a caridade do mundo não faz nada mais do que destacar a miséria, e rendê-la ainda mais revoltante do que a angústia absoluta. Frente à miséria, assim como frente às ruínas, nós deploramos uma ausência de humanidade, nós lamentamos que os homens não mudem radicalmente o que está em seu poder de mudança. Este sentimento mistura-se ao da eternidade da miséria, de seu caráter inelutável. Mesmo sabendo que os homens poderiam suprimir a miséria, nós estamos conscientes da sua permanência e acabamos por provar uma inabitual e amarga inquietude, um estado de alma perturbado e paradoxal, no qual o homem aparece em toda a sua inconsistência e pequenez. A miséria objetiva da vida social é, com efeito, apenas o pálido reflexo de uma miséria interior. E, só de pensar nisso, perco a vontade de viver. Eu deveria lançar minha pluma para chegar a um casebre em ruínas. Um desespero mortal me toma assim que evoco a terrível miséria do homem, sua decrepitude e gangrena. Em vez de elaborar teorias e de se apaixonar pelas ideologias, este animal racional faria melhor oferecendo tudo ao outro, até sua camisa - gesto de compreensão e de comunhão. A presença da miséria aqui embaixo compromete o homem mais do que tudo e faz compreender que este animal megalomaniaco é devotado a um fim catastrófico. Frente à miséria, tenho vergonha até da

existência da música. *A injustiça constitui a essência da vida social.* Como aderir, sabendo disso, a qualquer doutrina?

A miséria destrói tudo na vida; rende-a infecciosa, hedionda e espectral. Existe a palidez aristocrática e a palidez da miséria: a primeira vem de um refinamento, a segunda de uma mumificação. Pois a miséria faz de todos um fantasma, ela cria sombras da vida e aparições estranhas, formas crepusculares como se saídas de um incêndio cósmico. Não há o menor traço de purificação em suas convulsões; somente o ódio, o desgosto e o azedume da carne. A miséria não concebe nada mais do que a doença numa alma inocente e angelical - e sua humildade não é imaculada; ela é venenosa, cruel e vingativa, e o compromisso ao que ela conduz esconde chagas e sofrimentos aguçados.

Não quero uma revolta relativa contra a injustiça. Admito apenas a revolta eterna, pois eterna é a miséria da humanidade.

A deserção do Cristo

Não admiro os profetas, bem como os fanáticos religiosos, que nunca duvidaram de sua missão ou de sua fé. Eu meço o valor dos profetas de acordo com sua capacidade de duvidar, com a frequência de seus momentos de lucidez. Ainda que somente a dúvida lhes torne verdadeiramente *humanos*, ela é, neles, mais perturbadora do que nos outros homens. O resto não passa de intransigência, sermão, moral e pedagogia. Eles pretendem instruir aos outros, conceder-lhes salvação, revelar-lhes a via da verdade e mudar seu destino, como se suas certezas valessem mais do que as de seus discípulos. O critério da dúvida só permite distinguir os profetas dos maníacos. Entretanto, quando eles duvidam, não é acaso um pouco tarde? Aquele que se sabia filho de Deus somente duvidou nos últimos instantes: pois o Cristo hesitou verdadeiramente apenas uma vez, não na montanha, mas preso na cruz. Estou persuadido de que Jesus então invejou o destino do mais anônimo dos homens e que, se pudera, ele teria se retirado para o canto mais obscuro da terra, onde ninguém mais poderia exigir-lhe esperança ou redenção. Pode-se imaginar que, deixado sozinho com os soldados romanos, ele lhes tenha implorado para retirar os pregos e descê-lo, a fim de poder fugir para longe, onde o eco dos sofrimentos humanos não mais o atingiria. Não que o Cristo tenha subitamente cessado de acreditar em sua missão - ele sustentava muito de iluminado para se tornar cético -, mas é muito mais difícil morrer *pelos outros* do que por si mesmo. Jesus suportou a crucificação, consciente de que somente o sacrifício de si faria sua mensagem triunfar.

Assim são os homens: para que eles acreditem em nós, devemos renunciar a tudo o que nos pertence, e depois a nós mesmos. Eles exigem nossa morte como garantia da autenticidade de nossa fé. Mas por que eles admiram as obras escritas com sangue? Porque esta distancia-lhes do sofrimento, ou

ainda, concede-lhes uma ilusão. Eles querem encontrar sangue e lágrimas atrás de nossos ditos. A admiração do povo é feita de sadismo.

Se Jesus não tivesse sido morto na cruz, o cristianismo jamais poderia ter triunfado. Os mortais duvidam de tudo - à exceção da morte. A do Cristo constituiu, então, a seus olhos, a suprema certeza, a prova-mestra da validade dos princípios cristãos. Jesus poderia ter facilmente escapado da crucificação, ou sucumbido às sedutoras tentações do diabo. Quem não pactua com o diabo não tem nenhuma razão para viver, pois ele exprime simbolicamente a vida melhor do que o próprio Deus. Se eu lamento algo, é que o diabo tenha tão pouco me tentado... Mas Deus também não se preocupou particularmente comigo. Os cristãos nunca entenderam que Deus está mais longe dos homens do que eles mesmos estão de Deus. Imagino perfeitamente um Deus exasperado pela trivialidade da sua Criação, aborrecido da terra e dos céus. Vejo-o lançar-se em direção ao nada, assim como Jesus deixando sua cruz...

O que teria acontecido, então, se os soldados romanos tivessem dado ouvidos à súplica de Jesus, se eles o tivessem des-crucificado e o deixado partir? Não seria certamente para pregar sua fé que ele teria ido ao outro lado do mundo, mas para morrer sozinho, longe das lágrimas e da compaixão dos homens. Ainda que, por acaso, Jesus não tenha implorado aos soldados sua liberação, não posso deixar de pensar que esta ideia lhe tenha afluído. Ele se cria seguramente o filho de Deus, mas isto não o impediu, uma vez confrontado pelo sacrifício, de duvidar e de temer a morte. Durante a crucificação, ele deve ter conhecido momentos em que, se ele não duvidou de ser o filho de Deus, ele ao menos lamentou sê-lo.

É bastante possível que o Cristo tenha sido na realidade um personagem bem menos complicado do que nós o imaginamos - que ele tenha tido menos dúvidas e menos pesares. Pois ele somente as teve, quanto à sua ascendência divina, no limiar da morte. Nós temos, nós humanos, tantas dúvidas e pesares que nenhum de nós poderia mais se acreditar o filho de Deus. Eu detesto em Jesus tudo o que é sermão, moral, promessa e certeza. O que eu admiro nele são seus momentos de hesitação - os instantes realmente trágicos da sua existência, que não me parecem, ainda assim, nem os mais importantes, nem os mais os mais dolorosos que se possa imaginar. Pois, se o sofrimento devia servir como critério, quantos não teriam o direito de se considerar, ainda mais do que Jesus, o filho de Deus?

O culto ao infinito

Não posso falar do infinito sem sentir uma dupla vertigem, interior e exterior - como se, deixando uma existência ordenada, eu me lançasse num redemoinho, movendo-me na imensidão à velocidade do pensamento. Este trajeto tende a um ponto eterno inacessível. Quanto mais se foge para esta incalculável distância, mais a vertigem parece intensa. Seus meandros, sempre estranhos à destreza da graça, desenham contornos tão complicados quanto aos das chamas cósmicas. Tudo não passa de choque e trepidação; o mundo inteiro parece agitar-se numa louca cadência, como se às vésperas do apocalipse. Não há sentimento profundo do infinito sem esta sensação estranha, vertiginosa, da iminência do Fim. O infinito dá, paradoxalmente, tanto a sensação de um fim acessível, quanto a certeza de não se poder aproximar dele. Pois o infinito - no espaço e no tempo - não conduz a nada. Como poderíamos alcançar o que quer que seja no futuro, enquanto temos atrás de nós uma eternidade de fracassos? Se o mundo tivesse sentido, nós receberíamos, no mesmo instante, a revelação. Mas o mundo não tem sentido; irracional em sua essência, ele é, além disso, infinito. O sentido só pode ser concebido, com efeito, num mundo finito, no qual se pode *alcançar* alguma coisa; um mundo que não tolera o retrocesso, um mundo de referências certas e bem definidas, um mundo assimilável a uma história convergente, tal como quer a teoria do progresso. O infinito não conduz a lugar nenhum, pois tudo nele é provisório e caduco; nada é suficiente para o ilimitado. Ninguém pode provar o infinito sem uma perturbação profunda e única. Como não ficar perturbado, com efeito, se todas as direções se equivalem?

O infinito enfraquece qualquer tentativa de resolver o problema do sentido. Esta impossibilidade concede-me uma volúpia demoníaca e regozijo-me mesmo da ausência de sentido. Para quê ele serviria em definitivo? Não

podemos verdadeiramente viver sem ele? O *non-sense* não se perfaz na embriaguez do irracional, numa orgia ininterrupta? Vivamos, então, já que o mundo é desprovido de sentido! Enquanto não temos nenhum objetivo preciso, nenhum ideal acessível, lance-mo-nos sem reservas na terrível vertigem do infinito, sigamos seus meandros no espaço, consuma-mo-nos em suas chamas, amemo-lo por sua loucura cósmica e sua total anarquia! Esta que faz parte da experiência do infinito - uma anarquia orgânica e irremediável. Não se pode representar a anarquia cósmica quem já não traz em si os germes dela. Viver a infinitude, bem como refleti-la longamente, é receber a mais terrível das lições de revolta. O infinito desorganiza-nos e atormenta - ele compromete as fundações do nosso ser, mas também nos faz negligenciar tudo o que é insignificante, contingente.

Que alívio poder, tendo perdido toda esperança, lançar-se no infinito, mergulhar com todas as forças no ilimitado, participar da anarquia universal e das tensões desta vertigem! Percorrer, como que levado numa corrida extenuante, toda a demência de um movimento ininterrupto, consumir-se no mais dramático *elan*, pensando menos na morte do que na sua própria loucura, realizar plenamente um sonho de barbárie universal e de exaltação sem limites!

Que ao fim desta vertigem nossa queda não seja uma extinção progressiva, mas que nós continuemos esta frenética agonia no caos do turbilhão inicial. Possa o *páthos* do infinito abrasar-nos outra vez na solidão da morte, a fim de que nossa passagem para o nada pareça uma iluminação, amplificando ainda o mistério e a falta de sentido deste mundo! Na surpreendente complexidade do infinito, reencontramos, como elemento constitutivo, a negação categórica da forma, de um plano determinado. Processo absoluto, o infinito anula tudo o que é consistente, cristalizado, concluído. A arte que melhor expressa o infinito, afinal, não é a música?, que funde as formas numa fluidez de charme inefável? A forma tende incessantemente a cristalizar o menor fragmento, a eliminar a perspectiva do infinito e do universal; as formas somente existem para subtrair do caos e da anarquia os conteúdos da vida. Toda visão profunda revela a que ponto tal consistência é ilusória aos olhos da vertigem do ilimitado, pois, para além das cristalizações efêmeras, a realidade aparece como uma intensa pulsação. O gosto das formas resulta de um abandono a tudo o que é findo e às seduções inconsistentes da limitação, que distanciam para sempre as revelações metafísicas. Com efeito, assim como a música, a metafísica surge da

experiência do infinito. Tanto uma quanto a outra prosperam nas alturas e são portadoras de vertigens. Nunca pude entender que os responsáveis por criar obras capitais em seus domínios não fossem loucos. Ainda mais que todas as artes, a música exige uma tensão tão grande que se deveria, depois de tais momentos, cair num entorpecimento. Se o mundo obedecesse a uma coerência imanente e necessária, os grandes compositores deveriam, no ápice de sua arte, suicidar-se ou perder a razão. Todos aqueles fascinados pelo infinito não se encontram, acaso, na trilha do delírio? Nós temos apenas que fazer a normalidade ou a anormalidade. Vivamos no êxtase do ilimitado, amemos tudo o que não conhece fronteiras, destruamos as formas e criemos o único culto que pode isentar-se: o culto ao infinito.

Transfiguração da banalidade

Uma vez que eu não posso apagar-me aqui e agora, ou atingir novamente a ingenuidade, é uma loucura continuar a praticar os gestos ordinários de todos os dias. Deve-se a cada instante superar a banalidade, a fim de ter acesso à transfiguração, à expressividade absoluta. Que tristeza ver os homens passarem ao lado de si mesmos, negligenciarem seus destinos ao invés de avivar permanentemente as luzes que portam em si ou de se embriagarem nas tenebrosas profundezas! Por que não extrair da dor tudo o que ela possa oferecer ou cultivar um sorriso até a profundidade da qual ele brota? Nós todos temos mãos e, apesar disso, ninguém pensa em utilizá-las, torná-las expressivas o máximo possível. Nós admiramo-las de boa vontade em pinturas e amamos falar de seu significado, mas não sabemos fazer com que as nossas sejam intérpretes de nossos dramas interiores. Ter uma mão espectral, transparente, como um reflexo imaterial, uma mão nervosa, como que tensa pela última crispação... Ou então uma mão pesada, ameaçadora, terrível. Que a presença e o aspecto destas mãos digam mais do que uma palavra, um lamento, um sorriso ou uma oração. A expressividade total, fruto de uma transfiguração contínua, fará da nossa presença um lar de luz se nosso semblante e, de maneira geral, tudo o que nos individualiza transfigurar-se igualmente. Encontramos seres cuja mera presença significa para o outro agitação, lassitude, ou ainda, iluminação. Sua presença é fecunda e decisiva: fluida, indefinível, parece que ela nos capta num filete imaterial. Eles ignoram o vazio e a descontinuidade; conhecem somente a comunhão e a participação que produzem esta transfiguração permanente cujos cumes são tanto vertigens quanto volúpias.

Sinto uma estranha ansiedade que se insinua em todo o meu corpo; seria acaso medo do futuro de minha problemática existência, ou antes, perturbação provocada por minha própria inquietude? Poderei continuar a viver com tais obsessões? O que experimento é vida ou algum sonho tolo? Parece-me que surge em mim a grotesca fantasia de um demônio. Não é, acaso, minha ansiedade uma flor brotando no jardim de uma criatura apocalíptica? O demonismo deste mundo parece estar concentrado inteiramente em minha inquietude - mistura de pesares, visões crepusculares, tristezas e irrealidades. E ele não me faz derramar nenhuma fragrância primaveril no universo, mas a fumaça e a poeira de um desabamento total.

Gravidade da tristeza

Existe outra tristeza além da que vem da morte? Certamente não, uma vez que a verdadeira tristeza é negra, desprovida de charme. Ela comunica uma lassitude incomparavelmente maior que a da melancolia - uma lassitude que conduz a um desgosto para com a vida, a uma depressão irremediável. A tristeza difere da dor, pois nela predomina a reflexão, enquanto a outra submete-se à materialidade fatal das sensações. A tristeza e a dor podem conduzir à morte - jamais ao amor ou à exaltação. Os valores do Eros fazem viver sem mediação, no imediato e na necessidade secreta da vida que - vista a inocência essencial de toda experiência erótica - aparece como liberdade. Estar triste e sofrer, isto significa, ao contrário, ser incapaz de um ato organicamente associado ao fluxo da vida. A tristeza e o sofrimento revelam-nos a existência, pois nelas nós tomamos consciência de nosso isolamento; elas provocam-nos uma angústia em que se enraíza o sentimento trágico da existência.

A degradação pelo trabalho

Os homens geralmente trabalham demais para que possam permanecer fiéis a eles mesmos. O trabalho: uma maldição que o homem transformou em volúpia. Labutar com todas as suas forças somente pelo amor da labuta, encontrar felicidade num esforço que não conduz a nada além de realizações sem valor, estimar que somente por meio do trabalho incessante se possa obter o que quer que seja - eis algo revoltante e incompreensível. O trabalho permanente e intenso embrutece, banaliza e torna impessoal. O centro de interesse do indivíduo desloca-se do seu meio subjetivo em direção a uma insossa objetividade; o homem se desinteressa então de seu próprio destino, de sua evolução interior, para se ligar a qualquer outra coisa: a obra verdadeira, que deveria ser uma atividade de permanente transfiguração, torna-se um meio de exteriorização que lhe faz abandonar o mais íntimo de seu ser. É significativo o fato de que *trabalho* tenha vindo a designar uma atividade puramente exterior: atividade em que o homem não se cumpre, mas cumpre. O fato de que todo mundo sente-se obrigado a exercer uma atividade e a adotar um estilo de vida que, na maior parte dos casos, não lhe convém, ilustra esta tendência ao embrutecimento pelo trabalho. O homem vê no seu conjunto de possibilidades um benefício considerável; mas o frenesi do labor testemunha, nele, uma propensão ao mal. No trabalho, o homem se esquece de si; isto não o conduz, apesar disto, a uma doce inocência, mas a um estado vizinho da imbecilidade. O trabalho transformou o sujeito humano em objeto e fez do homem uma besta que trai suas origens. Ao invés de viver por si mesmo - não no sentido do egoísmo, mas do florescimento -, o homem torna-se escravo impotente da realidade exterior. Onde encontrar o êxtase, a visão, a exaltação? Onde está a loucura suprema, a volúpia autêntica do mal? A volúpia negativa que se encontra no culto ao trabalho prende-se antes à miséria, à insipidez e a uma mesquinhez detestável. Por que os homens não se decidem por

bruscamente dar fim ao seu labor, a fim de iniciar um novo trabalho sem qualquer semelhança com aquele a que se dedicaram inutilmente até então? Será que a consciência subjetiva da eternidade resistiu? Se a atividade frenética, o trabalho ininterrupto e a trepidação destruíram algo, isto foi o verdadeiro sentido da eternidade - uma vez que o trabalho é a sua maior negação. Quanto mais a perseguição pelos bens materiais e o trabalho cotidiano aumentam, mais a eternidade torna-se distante e inacessível. Daí derivam as perspectivas tão delimitadas dos espíritos muito empreendedores, a insipidez de seu pensamento e de seus atos. E, ainda que eu não oponha ao trabalho nem a contemplação passiva nem o devaneio difuso, mas uma transfiguração irrealizável, eu prefiro uma preguiça compreensível a uma atividade frenética e intolerante. Para despertar o mundo, deve-se exaltar a preguiça. Isto porque o preguiçoso tem infinitamente mais senso metafísico do que o agitado.

Eu me sinto atraído pelas lonjuras, pelo grande vazio que projeto no mundo. Uma sensação de futilidade me invade, atravessando membros e órgãos como um fluido impalpável e leve. Sem saber bem por que, eu sinto, na progressão incessante deste vazio, nesta vacuidade que se estende ao infinito, a presença misteriosa dos mais contraditórios sentimentos que podem afetar uma alma. Estou feliz e descontente ao mesmo tempo, submeto-me simultaneamente à exaltação e à depressão, submerjo-me no desespero e na volúpia - tudo isto no seio da mais desconcertante harmonia. Estou tão alegre e tão triste que minhas lágrimas têm ao mesmo tempos os reflexos do céu e do inferno. Para a felicidade da minha tristeza, adoraria que esta terra não conhecesse mais a morte.

O sentido do derradeiro

Sei falar apenas de alegrias e tristezas derradeiras. Adoro somente o que se revela sem reserva, sem compromisso ou reticência. Acaso podemos encontrar isto fora das tensões e convulsões supremas, da loucura do fim, da embriaguez e excitação dos últimos momentos? Tudo isto não é derradeiro? O que é então a ansiedade do nada senão a alegria perversa das últimas tristezas, o amor exaltado da eternidade do vazio e do provisório da existência? Esta existência seria para nós somente um exílio e o vazio uma pátria?

Devo combater-me, voltar-me contra o meu destino, destruir todos os obstáculos à minha transfiguração. Somente deve subsistir meu desejo extremo de trevas e de luz. Que cada um dos meus passos seja um triunfo ou um colapso, um surto ou um fracasso. Que a vida cresça e morra em mim numa alternância relampejante. Que nada do cálculo mesquinho nem da visão racional das existências ordinárias venha comprometer as volúpias e os suplícios do meu caos, as trágicas delícias das minhas alegrias e desesperos derradeiros.

Sobreviver às tensões orgânicas e aos estados de alma dos confins, eis um signo de imbecilidade - não de resistência. Para quê serve um retorno à insipidez da existência? Não é somente após a experiência do nada que a sobrevida aparece-me como um *non-sense*, mas também após o paroxismo da volúpia. Eu jamais entenderei por que ninguém se suicida em pleno orgasmo ou por que a sobrevida não lhe parece insípida e vulgar. Este frisson tão intenso, ainda que bastante breve, deveria consumir nosso ser numa fração de segundo. Ou ainda, uma vez que ele não nos mata, por que nós mesmos não nos matamos? Existem tantas formas de morrer... Ninguém teve, entretanto, coragem bastante - ou originalidade - para escolher um fim

que, sem ser menos radical do que os outros, teria a vantagem de nos lançar no nada em pleno regozijo. Por que evitar tais vias? Uma mera fagulha de assustadora lucidez seria o suficiente, no auge do inevitável desmaio, para que a morte, nestes momentos, não aparecesse mais como ilusão.

Se os homens chegassem um dia a não mais suportar a monotonia ou a vulgaridade da existência, toda experiência extrema tornar-se-ia um motivo para o suicídio. A impossibilidade de sobreviver a uma exaltação excepcional esvaziaria a existência. Ninguém mais surpreender-se-á que se possa questionar sobre a possibilidade de continuar ou não a viver após ter escutado certas sinfonias ou contemplado uma paisagem única.

A tragédia do homem, animal exilado na existência, detém-se no fato de que ele não pode se satisfazer com os dados e valores da vida. Para o animal, a vida é tudo; para o homem, ela é um ponto de interrogação. Ponto de interrogação definitivo, pois o homem nunca recebeu (nem receberá) uma resposta para as suas perguntas. Não somente a vida não tem qualquer sentido, mas ela *não pode* ter um.

O princípio satânico do sofrimento

Se existem homens felizes nesta terra, por que eles não gritam, por que eles não descem para as ruas a fim de proclamar sua alegria? Por que tanta discrição, tanta reserva? Se eu sentisse em mim uma alegria permanente, uma irresistível propensão à serenidade, eu faria com que todos os homens conhecessem-na, eu daria vazão a toda esta euforia.

Se a felicidade existe, devemos comunicá-la. Mas talvez os indivíduos verdadeiramente felizes não tenham consciência disto. Se assim for, nós poderíamos oferecer-lhes uma parte da nossa consciência em troca de uma parte da inconsciência deles. Por que a dor tem somente lágrimas e gritos, enquanto o prazer apenas frissons? Se o homem tomasse tanto consciência do prazer quanto da dor, ele não teria que compensar suas alegrias. A repartição das dores e dos prazeres não seria incomparavelmente mais justa?

Se as dores não se deixam esquecer, é porque elas invadem desmesuradamente a consciência. Assim, aqueles que têm muito a esquecer não são outros senão os mesmos que muito sofreram. Somente as pessoas normais não têm nada a esquecer.

Enquanto as dores têm um peso e uma individualidade, os prazeres desfazem-se e fundem como formas de contornos mal definidos. Evocar um prazer e suas circunstâncias é, com efeito, extremamente difícil para nós, pois mesmo a sua mais tênue lembrança vem reforçar a das dores. Certamente, os prazeres não são esquecidos por completo - de uma vida de prazeres, guardar-se-á apenas uma leve desilusão, enquanto o homem que muito sofreu chega, na melhor das hipóteses, a uma resignação amarga.

É um vergonhoso preconceito afirmar tanto que os prazeres são egoístas e apartam o homem da vida, quanto pretender que as dores prendem-nos ao mundo. A frivolidade destes preconceitos revolta e sua origem livresca revela a nulidade de todas as bibliotecas aos olhos de uma experiência vivida até o fim.

A concepção cristã que faz do sofrimento um caminho para o amor, senão sua principal porta de acesso, é fundamentalmente errônea. Mas seria este o único campo em que o cristianismo engana-se? Fazendo do sofrimento o caminho para o amor, ignora-se toda a sua essência satânica. Os degraus do sofrimento não se elevam - eles descem; eles não conduzem ao céu, mas ao inferno.

O sofrimento separa, dissocia; força centrífuga, ele nos desliga do nó da vida, do centro de atração do mundo, lugar em que todas as coisas tendem à unidade. O princípio divino caracteriza-se por um esforço de síntese e de participação na essência do todo. De maneira contrária, um princípio satânico habita o sofrimento - produzindo desarticulação e trágica dualidade.

As diversas formas de alegria fazem-nos participar inocentemente do ritmo da vida; nós o fazemos, ainda que de maneira inconsciente, em contato com o dinamismo da existência, cada uma das nossas fibras ligada às pulsações irracionais do Todo. Isto vale não somente para a alegria espiritual, mas também para todas as formas de prazer.

O distanciamento do mundo, responsável pelo sofrimento, conduz a uma interiorização excessiva e, paradoxalmente, aumenta o grau de consciência - tanto que o mundo inteiro, com seus esplendores e trevas, torna-se exterior e transcendente. Neste ponto de separação, assim que, irremediavelmente só, tem-se o mundo diante de si, como poder-se-ia esquecer o que quer que seja? Sente-se então a necessidade de esquecer somente as experiências que fizeram sofrer. Ou, devido a um paradoxo dos mais impiedosos, desaparecem as lembranças daqueles que gostariam de se lembrar, enquanto fixam-se as reminiscências dos que gostariam de tudo esquecer.

Os homens dividem-se em duas categorias: aqueles a quem o mundo oferece ocasiões de interiorização e aqueles para quem ele permanece exterior e objetivo. Para a interiorização, a existência objetiva não é nada

mais do que um *pretexto*. Assim, somente ela pode tomar uma significação, pois uma teleologia objetiva funda-se e justifica-se em meio a certas ilusões, que têm por defeito o fato de que um olhar penetrante pode desmascará-las facilmente. Todos os homens veem fogos, tempestades, desmoronamentos ou paisagens; mas quantos veem chamas, relâmpagos, vertigens ou harmonias? Quantos, vendo um incêndio, pensam na graça e na morte? Quantos trazem em si uma beleza longínqua que tinga sua melancolia? Para os indiferentes, a quem a natureza não oferece nada além de uma imagem insossa e glacial, a vida é, ainda que ela os preencha, uma soma de ocasiões perdidas.

Independentemente de quão profundos tenham sido meus tormentos, ou de quão grande tenha sido minha solidão, a distância que me separou do mundo somente fez com que este se tornasse mais acessível para mim. Ainda que eu não possa encontrar-lhe nem sentido objetivo, nem finalidade transcendente, a multiplicidade das formas da existência não se constituiu para mim em menos ocasiões permanentes de tristeza e de encantamento. Conheci momentos em que a beleza de uma flor justificou a meus olhos a ideia de uma finalidade universal, assim como a menor das nuvens soube clarear momentaneamente minha visão sombria das coisas. Os fanáticos da interiorização são capazes de extrair, do aspecto mais insignificante da natureza, uma revelação simbólica.

É possível que eu arraste atrás de mim tudo aquilo que nunca vi? Assusto-me com a ideia de que tantas paisagens, livros, horrores e visões sublimes possam ter se concentrado num pobre cérebro. Tenho a impressão de que eles se transpuseram em mim como *realidades* e de que eles pesam em meus ombros. Eis, talvez, o motivo para que eu me sinta às vezes oprimido até o ponto de querer tudo esquecer. A interiorização conduz ao colapso, pois o mundo penetra-nos e mói-nos com uma força irresistível. O que há de surpreendente, assim sendo, que as pessoas tentem recorrer a qualquer coisa - desde à vulgaridade até à arte - com o único fim de tudo esquecer?

Eu não tenho ideias - mas obsessões. Ideias, todos podem tê-las. Mas ideias nunca provocaram o colapso do que quer que seja.

O animal indireto

Todos os homens têm o mesmo defeito: esperar pela vida, devido à falta de coragem para viver cada segundo. Por que não implementar a todo instante paixão e ardor bastantes para criar uma eternidade? Todos nós aprendemos a viver apenas no momento em que não temos nada mais a esperar; enquanto esperamos, não podemos aprender nada, pois não habitamos um presente concreto e vivo, mas um porvir longínquo e insípido. Não deveríamos esperar por nada, à exceção das sugestões imediatas do instante; esperar por nada *sem a consciência do tempo*. Fora do imediato não há salvação. Pois o homem é uma criatura que perdeu o imediato. Assim sendo, ele é um animal indireto.

A verdade impossível

Quando pode começar nossa felicidade? Assim que nós tivermos conquistado a certeza de que a verdade não pode existir. Todas as modalidades de salvação são possíveis à partir disto, mesmo a salvação pelo nada. Àquele que não crê na impossibilidade da verdade, ou que não se alegra com ela, resta apenas uma via de salvação - uma via que ele jamais encontrará!

Subjetivismo

O excesso de subjetivismo somente pode conduzir aqueles que não têm fé à megalomania ou à auto-difamação. Quando lançamo-nos sobre nós mesmos, chegamos necessariamente a nos amar ou a nos odiar de maneira desmesurada. E, num ou noutro caso, esgotamo-nos antes do tempo. O subjetivismo torna-nos Deus ou Satã.

Homo...

O homem deveria parar de ser - ou de se tornar - um animal devotado à razão. Ele faria melhor tornando-se um ser insensato que arrisca tudo a cada instante - um ser capaz de exaltações e de fantasias perigosas, que poderia morrer de tudo o que oferece a vida, bem como de tudo o que não oferece. Cada homem deveria ter por ideal parar de ser homem. E isto somente pode ser feito por meio do triunfo do *arbitrário absoluto*.

O amor em resumo

O amor da humanidade, quando nasce do sofrimento, é como a sabedoria vinda do infortúnio. Nos dois casos, as raízes são podres e a fonte contaminada. Só um amor espontâneo proveniente de uma abnegação sincera e de um *elan* irresistível pode fecundar a alma dos outros. O amor que vem do sofrimento traz lágrimas e suspiros demais para que seus raios não sejam banhados por uma amarga claridade. Ele contém tanta renúncia, tormento e inquietude que não pode significar outra coisa que não um imenso retiro. Ele perdoa tudo, admite tudo e tudo justifica; é isto ainda amor? Como pode amar aquele que se sente desvinculado de tudo? Este tipo de amor revela o vazio de uma alma pega entre o nada e o tudo, da mesma forma que, para um coração quebrado, o donjuanismo permanece o único recurso. Quanto ao cristianismo, ele ignora o amor: ele conhece apenas a indulgência, que é mais uma alusão ao amor do que amor propriamente dito.

O que importa!

Tudo é possível e nada o é; tanto tudo é permitido quanto nada. Qualquer que seja a direção escolhida, ela não será melhor do que as outras. Percebam algo ou absolutamente nada, creiam ou não, tudo isto é igual, bem como dá no mesmo gritar ou se calar. Pode-se encontrar uma justificativa para tudo, bem como nenhuma. Tudo é ao mesmo tempo real e irreal, lógico e absurdo, glorioso e insípido. Nada vale mais do que nada, da mesma forma que nenhuma ideia é melhor do que outra. Por que entristecer-se com a tristeza ou alegrar-se com a alegria? Que importa que nossas lágrimas sejam de prazer ou de dor? Amem a infelicidade e detestem a alegria, misturem tudo, confundam tudo! Sejam como um floco de neve levado pelo vento ou como uma flor embalada nas ondas. Resistam quando não se deve e sejam covardes quando se deve resistir. Quem sabe - vocês ganharão talvez. E, de toda forma, o que importa se perderem? Existe alguma coisa a ganhar ou a perder no mundo? Todo ganho é uma perda, assim como toda perda é um ganho. Por que esperar sempre uma atitude clara, ideias precisas e palavras sensatas? Eu sinto que deveria cuspir fogo a título de resposta para todas as questões que me foram - ou não foram - feitas.

As fontes do mal

Como combater a infelicidade? Combatendo nós mesmos: compreendendo que a fonte do mal encontra-se em nós. Se pudéssemos nos dar conta a cada instante de que tudo é função de uma imagem refletida em nossa consciência, de ampliações subjetivas e da acuidade de nossa sensibilidade, nós alcançaríamos o estado de lucidez em que a realidade retoma suas verdadeiras proporções. Não reivindico aqui a alegria, mas um grau menor de infelicidade.

É um sinal de resistência permanecer firme no desespero, bem como o é de deficiência cair na imbecilidade após uma infelicidade prolongada. Precisa-se, para diminuir a sua intensidade, de uma verdadeira educação e de um grande esforço interior. Apesar disso, todo o esforço está fadado ao fracasso se seu objetivo for atingir a felicidade. O que quer que se faça, somente há de ser feliz aquele que escolher a via da infelicidade. Pode-se passar da alegria à tristeza, mas este é um caminho sem volta. Isto significa dizer que a felicidade pode reservar surpresas muito mais dolorosas do que as que reserva a sua contraparte. Aquela faz com que consideremos perfeito o mundo tal como se apresenta; esta nos faz desejar que ele seja, antes de tudo, diferente do que é. E, ainda que tenhamos consciência de que a infelicidade encontra em nós mesmos a sua origem, nós transformamos fatalmente um defeito subjetivo em deficiência metafísica.

A infelicidade nunca será suficientemente generosa para reconhecer suas próprias trevas e as improváveis luzes do mundo. Tomando nossa miséria subjetiva por um mal objetivo, cremos poder alegar nosso fardo e dispensar-nos das censuras que nos deveríamos fazer. Na realidade, esta objetivação acentua nossa infelicidade, e, apresentando-a como uma fatalidade cósmica, interdita-nos todo o poder de diminuí-la ou de torná-la mais suportável.

A disciplina da infelicidade reduz as inquietudes e as surpresas dolorosas, atenua o suplício e controla o sofrimento. Acontece aí uma dissimulação do drama interior, uma discrição da agonia.

Prestidigitações da beleza

A sensibilidade à beleza é tanto mais viva quanto maior for a proximidade da felicidade. Tudo encontra no Belo a sua própria razão de ser, seu equilíbrio interno e sua justificação. Concebe-se um belo objeto somente como ele é. A beleza de um quadro ou de uma paisagem encantar-nos-ão ao ponto de não podermos, contemplando-os, representá-los perante nós de forma diversa da que eles já nos aparecem. Colocar o mundo sob o signo da beleza equivale a afirmar que ele é exatamente como deveria ser. Numa tal visão, tudo não passa de esplendor e harmonia e os aspectos negativos da existência apenas acentuam seu charme e brilho. A beleza não salvará o mundo, mas ela pode aproximar-nos da felicidade. Num mundo de antinomias, pode ela mesmo, acaso, ser salva? O Belo - e eis o seu atrativo e sua natureza particular - somente constitui um *paradoxo* de um ponto de vista objetivo. O fenômeno estético expressa este prodígio: representar o *absoluto pela forma*, objetivar o infinito por meio de figuras finitas. O absoluto-na-forma - incarnado numa expressão finita - apenas pode aparecer àquele que foi invadido pela emoção estética; mas de qualquer outra perspectiva, que não a do Belo, ele torna-se uma *contradictio in adjecto*. Todo ideal de beleza comporta assim uma quantidade de ilusão impossível de avaliar. E ainda mais grave: o postulado fundamental deste ideal, segundo o qual este mundo é tal como deveria ser, não resiste à mais elemental das análises. O mundo deveria ser qualquer outra coisa, menos o que ele é.

Inconsistência do homem

Por que os homens teimam tanto em realizar alguma coisa? Não estariam eles muito melhor imóveis sob o céu, numa calma serena? O que se há, então, de fazer? Por que tantos esforços e ambições? O homem perdeu o sentido do silêncio. Ainda que a consciência seja o fruto de uma deficiência vital, ela não opera em cada indivíduo como fator de inadaptação; em alguns, ela engendra, ao contrário, um aumento das inclinações vitais. Não podendo mais viver no presente, o homem acumula um excedente que lhe pesa e escraviza; o sentimento do porvir é para ele uma calamidade. O processo segundo o qual a consciência dividiu os homens em duas grandes categorias é dos mais estranhos. Ele explica por que o homem é um ser tão pouco consistente, incapaz de encontrar seu centro de energia e equilíbrio. Aqueles cuja consciência levou à interiorização, ao suplício e à tragédia, assim como aqueles que ela lançou no imperialismo ilimitado do desejo de adquirir e possuir são, cada um à sua maneira, infelizes e desequilibrados. *A consciência fez do animal um homem e do homem um demônio, mas ela ainda não transformou ninguém em Deus*, ainda que o mundo orgulhe-se de ter despachado um numa cruz.

Evitem os indivíduos impermeáveis ao vício, pois sua presença insípida somente sabe chatear. Sobre o quê vocês conversariam senão sobre moral? Quem não ultrapassou a moral não pôde aprofundar nenhuma experiência, nem transfigurar os seus colapsos. A verdadeira existência começa onde a moral acaba, pois somente a partir deste ponto ela pode tentar tudo, e tudo arriscar, ainda que obstáculos oponham-se às suas conquistas reais. Precisa-se de infinitas transfigurações para atingir a região em que tudo é permitido, onde a alma pode lançar-se sem remorsos na vulgaridade, no sublime ou no grotesco, até alcançar uma tal complexidade que nenhuma direção ou forma de vida escapam ao seu alcance. A tirania que reina sobre as existências

ordinárias deixa lugar à espontaneidade absoluta de uma existência única que traz em si a sua própria lei. Como a moral ainda valeria para um ser assim formado - o mais generoso possível, absurdo a ponto de lhe fazer renunciar ao mundo, oferecendo tudo o que possui? A generosidade é incompatível com a moral, esta racionalidade dos hábitos da consciência, esta mecanização da vida. Todo ato generoso é insensato, testemunha de uma renúncia impensável para o homem ordinário, que se envolve na moral para esconder sua vulgar nulidade. Tudo o que é realmente moral somente começa uma vez que a moral tenha sido evacuada. A mesquinharia de suas normas racionais não se mostra em nenhum lugar com mais evidência do que na condenação do vício - esta expressão do trágico carnal proveniente da presença do espírito na carne. Pois o vício implica sempre um surto da carne para além da sua fatalidade, uma tentativa de romper as barreiras que aprisionam os *elans* passionais. Um tédio orgânico leva então os nervos e a carne a um desespero do qual eles somente podem escapar tentando todas as formas possíveis da volúpia. No vício, o atrativo de outras formas, que não as normais, produz uma inquietude perturbadora: o espírito parece então transformar-se em sangue, para se mover como uma força imanente à carne. A exploração do possível não pode ser realizada, com efeito, sem o concurso do espírito nem a intervenção da consciência. O vício é uma forma de triunfo do individual; enquanto isto, como a carne poderia representar o individual sem um apoio exterior? Esta mistura de carne e de espírito, de consciência e de sangue, cria uma efervescência extremamente fecunda para o indivíduo refém dos charmes do vício. Nada repugna mais do que o vício aprendido, tomado de outrem e incorporado; também o elogio ao vício é completamente injustificado: além do mais, pode-se constatar a fecundidade para aqueles que sabem transfigurá-lo, desviar o próprio desvio. Para vivê-lo de maneira bruta e vulgar, explora-se apenas sua escandalosa materialidade, negligencia-se o frisson imaterial que faz sua excelência. Para atingir certas alturas, a vida íntima não pode dispensar-se das inquietudes do vício. E nenhum viciado há de ser condenado uma vez que, ao invés de considerar o vício como um pretexto, ele o transforma em finalidade.

Capitulação

O processo pelo qual nos tornamos desiludidos? Um indivíduo dotado de *elan* consegue viver um grande número de depressões a cada instante. Uma fatalidade orgânica provoca depressões permanentes sem determinantes exteriores, mas que emergem de uma profunda perturbação interna; estas sufocam o *elan*, atacam as raízes da vida. Dizer que alguém se torna desiludido em razão de alguma deficiência orgânica ou de instintos empobrecidos é totalmente errôneo. Na realidade, somente perde suas ilusões aquele que desejou a vida com ardor, ainda que inconscientemente. O processo de desvitalização não tarda, vindo logo após as depressões. Somente junto a um indivíduo cheio de *elan*, de aspirações e paixões, que as depressões atingem esta capacidade de erosão, que circunda a vida como ondas a terra firme. Junto ao simples deficiente, elas não produzem nenhuma tensão, nenhum paroxismo ou excesso; elas conduzem a um estado de apatia, de lenta extinção. O pessimista apresenta um paradoxo orgânico, cujas contradições insuperáveis engendram uma profunda efervescência. Não há, com efeito, um paradoxo nesta mistura de depressões repetidas e de persistente *elan*? Que as depressões acabam por consumir o *elan* e comprometer sua vitalidade, isto vai de si. Ninguém poderia combatê-las definitivamente: pode-se, no máximo, substituí-las temporariamente por uma ocupação ou distração. Apenas uma vitalidade inquieta é suscetível de favorecer o paradoxo orgânico da negação. Somente é possível tornar-se pessimista - um pessimista demoníaco, elemental, bestial e orgânico - uma vez que a vida tenha perdido sua batalha desesperada contra as depressões. O destino aparece então à consciência como uma versão do irreparável.

Face ao silêncio

Chegar a não apreciar nada mais do que o silêncio - isto é realizar a expressão essencial do fato de viver à margem da vida. Nos grandes solitários e nos fundadores de religiões, o elogio do silêncio tem raízes muito mais profundas do que se imagina. Para isto é preciso que a presença dos homens já tenha exasperado, que a complexidade dos problema tenha repugnado a tal ponto, que nada mais tem interesse, à exceção do silêncio e dos gritos.

A lassitude conduz a um amor ilimitado do silêncio, pois ela priva as palavras de seu significado para fazer delas sonoridades vazias; os conceitos diluem-se, o poder das expressões atenua-se, toda palavra dita ou escutada afasta-se, estéril. Tudo o que vai ao exterior, ou que vem dele, permanece um murmúrio monocórdio e longínquo, incapaz de despertar o interesse ou a curiosidade. Parece então inútil dar um parecer, tomar uma posição ou impressionar alguém; os ruídos antes renunciados juntam-se ao tormento da alma. No momento da solução suprema, depois de ter empregado uma louca energia para resolver todos os problemas e afrontado a vertigem dos cumes, encontra-se no silêncio a única realidade, a única forma de expressão.

A arte da duplicação

A arte de ser psicólogo não se aprende - vive-se e experimenta-se, pois não se pode encontrar nenhuma teoria que forneça a chave dos mistérios psíquicos. Ninguém é um bom psicólogo se não for ele mesmo um objeto de estudo, se sua substância psíquica não oferecer constantemente um espetáculo inédito e complexo próprio a suscitar a curiosidade. Não pode penetrar o mistério do outro aquele que está desprovido do próprio. Para ser psicólogo, deve-se conhecer suficientemente a tristeza para compreender a alegria e ter refinamento o bastante para poder se tornar um bárbaro; precisa-se de um desespero profundo o bastante para que não mais se distinga a vida no deserto da vida nas chamas. Proteiforme, tão centrípeto quanto centrífugo, o êxtase deverá ser estético, sexual, religioso e perverso.

O senso psicológico é a expressão de uma vida que se contempla a cada instante e que, nas outras vidas, vê espelhos; enquanto psicólogo, enxerga-se os outros homens como fragmentos do seu próprio ser. O desprezo que todo psicólogo sente pelo outro envolve uma auto-ironia tão secreta quanto ilimitada. Ninguém faz psicologia por amor: mas antes por uma vontade sádica de exhibir a nulidade do outro, tomando consciência do seu fundo íntimo, desprovendo-lhe da sua aura de mistério. Este processo exaurindo rapidamente os conteúdos limitados dos indivíduos, o psicólogo cansar-se-á brevemente dos homens: falta-lhe inocência demais para que tenha amigos e inconsciência para ter amantes. Nenhum psicólogo começa pelo ceticismo, mas todos chegam a ele. Este fim constitui o castigo da natureza ao profanador de mistérios, ao supremo indiscreto que, tendo fundado ainda poucas ilusões sobre o conhecimento, conhecerá a desilusão.

O conhecimento em pequenas doses encanta; em grandes doses, decepciona. Quanto mais se sabe, menos se quer saber. Pois aquele que não

sofreu do conhecimento não terá conhecido nada.

O non-sense do vir-a-ser

Na tranquilidade da contemplação, quando pesa sobre você o peso da eternidade, quando você escuta o tic-tac de um relógio ou a batida dos segundos, como não sentir a inutilidade da progressão no tempo e o *non-sense* do vir-a-ser? Para quê ir mais longe, para quê continuar? A revelação súbita do tempo, conferindo-lhe uma esmagadora proeminência que não tem nada de ordinária, é o fruto de um desgosto com a vida, com a incapacidade de continuar a conduzir a mesma comédia. Quando esta revelação se produz de noite, o absurdo das horas que passam dobra-se numa sensação de solidão aniquilante, pois - à parte do mundo e dos homens - você encontra-se só face ao tempo, numa irreduzível relação de dualidade. No seio do abandono noturno, o tempo não é mais, com efeito, enfeitado com atos nem objetos: ele evoca um nada crescente, um vazio em plena dilatação, comparável a uma ameaça do além. No silêncio da contemplação ressoa então um som lúgubre e insistente, como um gongo que dissociou existência e tempo: fugindo da primeira, eis que ele acabou esmagado pelo segundo. E ele sente o avanço do tempo como o avanço da morte.

* * *

FIM

Retirado do site:

<http://metamorphoiesis.blogspot.com/2011/02/traducao-nos-cumes-do-desespero.html>

-
Revisão e geração do ebook: RuriaK